

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Maria Terezinha Estevam

**Um estudo sobre o *Physica*, de Hildegarda de Bingen:
as virtudes curativas de algumas plantas**

Mestrado em História da Ciência

São Paulo

2020

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Maria Terezinha Estevam

**Um estudo sobre o *Physica*, de Hildegarda de Bingen:
as virtudes curativas de algumas plantas**

Mestrado em História da Ciência

Dissertação apresentada à banca
examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência parcial
para obtenção do título de **Mestre em História
da Ciência** sob a Orientação da Prof.^a Dr.^a
Maria Helena Roxo Beltran.

São Paulo
2020

Banca Examinadora

O presente trabalho foi realizado com apoio da coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”

Pesquisa financiada com bolsa concedida pela agência de fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Número do processo 134271-2018/1

Agradecimentos

Gostaria de manifestar gratidão a minha orientadora Profa. Dra. Maria Helena Roxo Beltran pela acolhida amável no Programa da História da Ciência, que de forma paciente em suas observações contribuiu significativamente para o amadurecimento e delimitação da pesquisa.

Ainda no que diz respeito ao Programa, agradecer todas às Professoras que durante o curso, através de suas disciplinas, colaboraram na forma de fazer pesquisa.

Também ao Prof. Me. Rodrigo Pires pelos valorosos auxílios nas traduções do Latim.

Aos meus amigos de turma que me acompanharam durante o Mestrado, pela convivência e conversas cotidianas que foram importantes e colaboraram para tornar o percurso mais leve.

Por fim, agradeço minha família, que de várias formas incentivaram para que este trabalho alcançasse este fim.

Resumo

A Abadessa da ordem beneditina Hildegarda de Bingen, em meados do século XII, compôs a obra *Physica*, um livro de remédios simples no qual discorre sobre receitas curativas utilizando as coisas naturais. No livro primeiro do *Physica*, o *De Plantis*, Hildegarda descreveu como tratar os mais diferentes problemas de enfermidades por meio das virtudes curativas das plantas. O *Physica* é o resultado do estudo e da prática de cura da Abadessa. Conforme sugerem pesquisas em História da Ciência, ela faz uma espécie de fusão entre três diferentes tradições, encontradas no território germânico medieval, sendo elas: a tradição cristã latina, a tradição popular germânica e o conhecimento médico greco-romano. Outro aspecto que consideramos ter influenciado no saber de cura da Abadessa foi sua forma complexa e própria de ver o mundo que a rodeava, típica do pensamento místico medieval.

Este trabalho mostra evidências desses aspectos de influências no saber médico de Hildegarda, a partir da análise e descrição de algumas plantas encontradas no primeiro capítulo do *Physica*. Com isso, esperamos contribuir para os estudos sobre Hildegarda de Bingen no campo da História da Ciência.

Palavras chaves: História da Ciência, Hildegarda de Bingen, Herbários medievais, Mística medieval.

Abstract

Hildegard of Bingen, Abbess of the Benedictine Order composed, in mid-twelfth century, a book on simple medicines, intitled *Physica*, in which she presented curative recipes using natural things. *Physica*'s first book, De Plantis, describes how to treat the most diverse diseases by mean of the healing virtues of plants. *Physica* is the result of the Abbess's study and healing practice. This book shows a kind of fusion between three different traditions found in medieval Germanic territory, namely: the Latin Christian tradition, the Germanic folk tradition and the Greco-Roman medical knowledge, as suggested in studies in History of Science. Another aspect that we consider to have influenced the Abbess's healing knowledge was her complex and special way of seeing the world around her, typical of medieval mystical thought.

This dissertation shows evidence of these aspects of influences on medical knowledge of Hildegard, by analyzing descriptions of some plants and their healthy virtues found in the first chapter of *Physica*. This work intends to contribute to the studies on Hildegard of Bingen in the field of the History of Science.

Keywords: History of Science, Hildegard of Bingen, Medieval Herbariums, Medieval Mystique.

Sumário

Introdução	11
Capítulo 1: A ordem beneditina na formação de Hildegarda de Bingen....	14
1.1 Santa Hildegarda: Abadessa beneditina e doutora da Igreja	15
1.2 O reconhecimento de Hildegarda como mística.....	17
1.3 A tradição beneditina na formação de Hildegarda	20
1.4 A Idade Média e a simbologia alegórica	24
1.5 A fundação do mosteiro Rupertsberg e a composição da obra <i>Physica</i>	25
1.6 Hildegarda estudada na História da Ciência	27
1.7 Hildegarda: visionária e mística	31
 Capítulo 2: As diferentes contribuições à <i>Physica</i> de Hildegardade Bingen	
.....	35
2.1 O <i>Physica</i> e seu percurso	36
2.2. As virtudes das plantas na obra <i>Physica</i>	41
2.3 As plantas na dieta alimentar	44
2.4 Os três aspectos do saber de cura em Hildegarda de Bingen	48
2.5 A tradição beneditina como principal influência na prática de cura de Hildegarda.....	49
2.6 Aspectos de conhecimento popular germânico.....	54
2.7 Vestígios de textos de autores antigos no <i>Physica</i>	58
2.7.1. Galeno de Pérgamo e a teoria dos humores	58
2.7.2. Dioscórides e seus aspectos no <i>Physica</i>	61

Considerações finais	72
Bibliografia.....	74

Introdução

Hildegarda de Bingen viveu em território germânico entre os anos de 1098 e 1179. Hoje é reconhecida como santa e doutora da Igreja por sua significativa contribuição à literatura teológica. Fundadora de dois mosteiros em Bingen, Rupertsberg e Eibingen, próximos ao rio Reno, ela deixou uma obra ampla, sendo mais conhecidos os escritos místicos, frutos de suas visões. Escreveu também obras sobre medicamentos e arte curativa de grande interesse, pois contribuem no campo da História da Ciência ao refletir os conhecimentos sobre o preparo e a utilização de medicamentos que circulavam em seu período.

Nesta dissertação, buscaremos realizar um estudo sobre a relevância da arte de cura de Hildegarda de Bingen, focalizando principalmente sua forma de tratar doenças através das plantas. Para isso, seguiremos a indicação de Jerry Stannard (1926-1988), que sugere a presença de diferentes tradições que atuaram na medicina germânica medieval. Esse autor ressaltou três influências expressivas nos tratamentos de cura, sendo elas: o cristianismo latino, os conhecimentos populares germânicos e a medicina greco-romana, sugerindo a existência de uma espécie de fusão dessas tradições nos escritos médicos do território germânico medieval.

Sobre a influência do cristianismo latino, ressaltamos a tradição beneditina como um aspecto relevante na arte de cura de Hildegarda, principalmente no que se refere ao cuidado com os enfermos. A respeito da influência popular germânica, destacamos a aplicação das plantas em receitas e tratamentos que envolvem rituais mágico-religiosos. Ao estudar a medicina greco-romana, foram escolhidos dois autores cujos textos, ou pelo menos

alguns de seus fragmentos, podem ter permeado a composição de ideias sobre a arte de cura da Abadessa: Galeno de Pérgamo e Pendanius Dioscórides.

Assim, foi objetivo da pesquisa, que teve como resultado a presente dissertação, analisar o conhecimento de cura registrado pela Abadessa de Bingen, sendo foco principal o uso e a presença das virtudes das plantas em seu saber e prática. Num sentido geral, foi nossa intenção contribuir para os estudos do *Physica* de Hildegarda de Bingen, relacionando sua visão mística do mundo em sua volta com os tratamentos curativos cuja prática orientava.

A dissertação foi organizada em dois capítulos. O primeiro foi destinado à contextualização do documento escolhido para análise, ou seja, serão feitas considerações a respeito da vida de Hildegarda de Bingen como abadessa da ordem beneditina e a relevância da vida monástica para suas obras. Ainda neste capítulo, serão apresentadas informações sobre o misticismo medieval observados no século XII, especialmente dentro da ordem beneditina, e como esse pensamento místico pode ter influenciado na escrita do *Physica*.

No segundo capítulo, inicialmente, serão apresentadas informações a respeito da estrutura da obra *Physica*, a qual, em seu primeiro livro, apresenta o *De Plantis*, que é o texto que analisaremos na dissertação, abordando particularmente as descrições de algumas plantas que possam evidenciar os três aspectos de influência sugeridos por Stannard. Dessa forma, buscamos verificar, na arte de cura de Hildegarda, os conceitos da tradição beneditina, da cultura popular germânica e o conhecimento da medicina greco-romana, considerando os aspectos da mentalidade mística, relevantes na arte de cura de Hildegarda. Assim, conforme o contexto no qual ela se encontrava,

sugerimos que esses dois campos, o misticismo e a cura, estariam se articulando no pensamento e na prática da Abadessa Renana.

Nosso trabalho propõe-se, dessa forma, a evidenciar as ligações entre concepções e práticas médicas medievais a fim de contribuir nos estudos relacionados a herbários e medicina medievais em ambientes monásticos.

Capítulo 1

A ordem beneditina na formação de Hildegarda de Bingen

1.1 Santa Hildegarda: Abadessa beneditina e doutora da Igreja

Hildegarda de Bingen (1098-1179)¹ monja da ordem beneditina, também conhecida como a Abadessa Renana ou Abadessa de Bingen foi a fundadora de dois mosteiros em Bingen, às margens do rio Reno. A Abadessa Renana é hoje reconhecida como a quarta mulher doutora² da Igreja.

Hildegarda de Bingen deixou uma ampla obra, sendo os escritos místicos os mais conhecidos e estudados. São três livros que descrevem suas visões: o *Liber Scivias*, abreviação de *Scito Vias Domini*, (Conheça os Caminhos do Senhor), o *Liber Vitae Meritorum* (Livro dos Méritos da Vida) e o *Liber Divinorum Operum*, (Livro das Obras Divinas). Hildegarda também compôs obras musicais e uma peça dramático-musical, o *Ordo virtutum* (a Ordem das virtudes), além de obras sobre medicamentos e curas.³

As obras sobre medicamentos e curas foram divididas em dois conjuntos, atualmente conhecidas pelos títulos: *Liber Simplicis Medicinae* (Livro dos medicamentos simples ou *Physica*), no qual discorre sobre as “coisas naturais”⁴ e preparação de remédios, e o *Liber Compositae Medicinae* (Livro dos medicamentos compostos ou *Causae et Curae*), no qual disserta sobre os tipos de doenças, sua natureza e causas.⁵ Esses escritos foram pouco estudados e,

¹ Hildegarda pertencia à família Bermersheim, nobres do vale do rio Reno. Cf. Newman, Introdução, 23-24. Bingen é conhecida como Bingen am Rhein, está localizada a 170km de Colônia, a quarta maior cidade da Alemanha. A viagem mais longa feita por Hildegarda foi à cidade de Colônia. Bingen está a 600 km da capital Berlim.

² A Igreja católica proclamou apenas quatro mulheres doutoras: Hildegarda de Bingen foi a última a receber essa proclamação, no ano de 2012. As outras mulheres a receber esse título foram: Teresa Ávila e Catarina de Siena, em 1970, e Teresa de Lisieux, em 1997. Ainda neste capítulo, comentaremos o que representa essa proclamação.

³ Newman, 29. Throop, Introdução, 1-3.

⁴ Refere-se ao que pertence à natureza sem que haja a intervenção humana. Hildegarda, nessa obra, escreve sobre pedras, metais, animais e plantas.

⁵ Pagel, “Hildegard of Bingen”, 396.

aparentemente, estiveram em segundo plano quando comparados às obras místicas. No entanto, ao observar mais de perto, verifica-se ser um trabalho relevante.

Com a morte de Hildegarda, sua comunidade religiosa reuniu todo o material pertinente para uma possível canonização. Embora o processo papal para isso fosse instituído no início de século XIII, acabou por durar centenas de anos para que sua veneração universal fosse proclamada. Somente em 10 de maio de 2012, durante o pontificado do Papa Bento XVI, a elevação de Hildegarda aos altares foi oficializada. Pouco tempo depois, em 7 de outubro de 2012, foi-lhe concedido o título de Doutora da Igreja. Dessa maneira, a Igreja reconheceu a contribuição significativa da Abadessa Renana à literatura teológica da doutrina cristã: seus estudos e composições enriqueceram o conhecimento da Igreja sobre a fé, não implicando que todos os seus escritos estejam livres de erros, mas que seu trabalho, tomado em conjunto, serve para promover a causa de Cristo e da sua Igreja.⁶ Bento XVI ainda recomenda que a mensagem deixada por ela “sirva como orientação para nossas vidas”.⁷ Assim, idealizando o processo de canonização, as monjas do mosteiro de Rupertsberg, no século XII, reuniram e conservam seus manuscritos. Dessa forma, preservaram para a posteridade as informações que temos a respeito da Abadessa Renana.

⁶ Ferzoco, “The Canonization and Coctorization”, 305-06.

⁷ Cf. Carta apostólica – “Santa Hildegarda de Bingen, monja professa da ordem de São Bento, é proclamada Doutora da Igreja Universal”. Bento XVI.

1.2 O reconhecimento de Hildegarda como mística

Charles Singer (1876-1960) escreveu sobre Hildegarda o trabalho *The Scientific Views and Visions of Saint Hildegard*, publicado em 1917, uma tentativa sua de interpretar o ponto de vista da Abadessa Renana. No entanto, ele comenta que Hildegarda, por ser mística, possui uma forma complexa e própria de ver o mundo que a rodeava. Por esse motivo, interpretá-la torna-se tarefa difícil. O autor considera que os místicos medievais, como Hildegarda, apresentam suas ideias fazendo uma espécie de fusão sobre a natureza e o homem, o mundo espiritual e o mundo material, estando esses intimamente ligados: “Se usássemos termos atuais para representar a sua visão de mundo, não estaríamos representando-os adequadamente, porque a relação entre o mundo material e o espiritual estão profundamente entrelaçados”.⁸

No entanto, o pesquisador que se propõem a estudar personagens da Alta Idade Média deve considerar que a documentação a que se tem acesso não dá conta de refletir o pensamento de uma época ou de um grupo como realidade homogênea. Dessa forma, podemos nos aproximar do contexto e das ideias ali contidas, mas nunca conseguiremos expressar uma mentalidade genuína.⁹

Assim, no intuito de uma aproximação do pensamento de Hildegarda, é preciso considerar o papel exercido por suas visões. Sobre elas, em 1141, aos 42 anos, Hildegarda relata uma grande iluminação que lhe veio em forma de luz, e tomou conta do coração e do cérebro, concedendo-lhe o entendimento de toda a Sagrada Escritura. Essa iluminação também lhe ordenou proclamar e escrever o que via e ouvia. Depois de superar sua hesitação inicial a respeito das

⁸ Singer, “*The Scientific View*,” 1-2.

⁹ Alfonso-Goldfarb, Ferraz, & Beltran, “A Historiografia Contemporânea”, 49-73.

instruções recebidas em suas visões, e com o auxílio de seu confessor, o monge Volmar (-1165), começa a escrever, ainda em segredo, a obra *Scivias*, que posteriormente seria fundamental para o reconhecimento da origem Divina de suas visões.¹⁰

No final do ano de 1147 e início de 1148, realizou-se o Sínodo de Tréveris, presidido pelo Papa Eugênio III (1080-1153), sob orientação de Bernardo de Claraval (1090-1153). Nesse sínodo, parte da obra inacabada do *Scivias* foi lida em público diante dos bispos ali reunidos. O Papa Eugênio reconheceu oficialmente o dom místico de Hildegarda, sendo ela naquela ocasião anunciada como um agente através da qual a vontade de Deus pode ser conhecida.¹¹ O resultado foi um documento enviado à Abadessa contendo uma carta de saudação e bênçãos apostólicas, no formato dos *Privilegia*¹², a fim de que se desse continuidade à obra¹³.

Esse foi o acontecimento mais relevante no percurso de vida de Hildegarda: o momento no qual lhe é permitido escrever e com autonomia. Os *Privilegia* conferiram-lhe emancipação tanto civis quanto eclesiásticas. A Abadessa de Bingen, assim, não seria mais subordinada nem ao bispo local, nem ao arcebispo, nem ao abade de mosteiro masculino no qual estava inserida. O reconhecimento eclesiástico de seus dons místicos, da parte do Papa e dos bispos reunidos em sínodo, deu sustento ao que Hildegarda escrevia.¹⁴

¹⁰ Newman, 27-28.

¹¹ Ibid., 28.

¹² *Privilegium*, segundo Jesús Hortal, “é uma lei privada favorável, que podia ser adquirida, não só por concessão direta da autoridade competente, mas também por comunicação, por lei, por legítimo costume e por prescrição”. Cf. Código de Direito Canônico, 63.

¹³ Cf. Mansi, XXI, 737-738.

¹⁴ Mansi, XXI, 737-738. Carnandet, V, 629.

Bernardo de Claraval foi apontado como o responsável de colocar em contato os escritos de Hildegarda com o Papa Eugênio. Ela havia se correspondido com Bernardo de Claraval, pedindo conselho e buscando a confirmação de seus dons. Pode-se considerar que Bernardo, teólogo renomado em seu contexto, além de influente na política eclesiástica, tenha sido peça fundamental para o reconhecimento dos dons Divinos da Abadessa de Bingen.¹⁵

O mérito de receber o selo papal de aprovação, supostamente, deu a Hildegarda maior confiança e segurança para continuar escrevendo, como também lhe autenticou publicamente autoridade, protegendo-a da submissão de silêncio e subordinação imposta às mulheres.¹⁶

Depois do reconhecimento de seus dons místicos, a abadia tornou-se um centro espiritual. A Abadessa Renana recebia cartas com pedidos de orações, de conselhos e de recomendações sobre tratamentos e curas de bispos, reis, rainhas, além do próprio Imperador Romano-Germânico, Frederico Barba-Ruiva (1122-1190). Ela ainda se correspondeu com quatro Papas: Eugênio III, Anastásio IV (1073-1154), Adriano IV (1100-1159) e Alexandre III (1100-1181). A autoridade conferida a ela pela aprovação do próprio Pontífice levou-a até mesmo a repreender pessoas importantes, se julgasse necessário. Sua influência foi sentida em boa parte da Europa, principalmente nas terras germânicas, mas também nas terras gálicas e na Bretanha.¹⁷

O prestígio de Hildegarda foi considerável em seu próprio tempo. Sua influência, significativa na Europa, perdurou até o Renascimento, quando seu *Liber Scivias* teve a primeira edição impressa por J. Faber Stapulensis em Paris,

¹⁵ Fraboschi, *Santa Hildegarda de Bingen*, 56-58.

¹⁶ Newman, 28.

¹⁷ Pagel, 396.

em 1513, e duas edições do *Liber simplicis medicinae* foram impressas em 1533 e 1544.¹⁸ Da *Patrologia Latina*, obra de múltiplos volumes compilada pelo clérigo e editor francês Jacques-Paul Migne, apenas alguns poucos volumes, entre mais de trezentos, incluem escritos de mulheres. No entanto, nesses volumes encontramos todas as obras que deram notoriedade à Hildegarda.¹⁹

1.3 A tradição beneditina na formação de Hildegarda

Hildegarda de Bingen nasceu em 1198, em Bermersheim, na Renana Palatina, atual território alemão, pertencente a uma família nobre local. Com oito anos de idade, seus pais confiaram sua educação à filha do conde de Spanheim, a monja Jutta (-1136), que levava vida de clausura no mosteiro beneditino de Disibodenberg²⁰. Era comum, na época, confiar crianças, independentemente do gênero, a mosteiros para receber instrução.²¹ Desse modo, os componentes da tradição beneditina aparecem em todos os aspectos da vida de Hildegarda²².

Pouco se sabe de sua juventude, pois não há informações o suficiente, mesmo entre as principais referências bibliográficas. Possivelmente, em parte de sua infância e adolescência esteve recolhida no mosteiro. Quando completou a idade requerida para as meninas, por volta dos doze anos, desejou tornar-se

¹⁸ Ibid., 396-97.

¹⁹ A *Latin Patrologia* (PL) é uma coleção de escritos dos Padres da Igreja e de outros escritores eclesiástico, feito pelo editor francês Jacques Paul Migne. Referência na área da teologia, representa uma ferramenta fundamental para o estudo dos Padres da Igreja. Consiste em uma série de reimpressões de edições antigas, parte das quais não existe edições modernas e, por esse motivo, também é significativa para estudos da Idade Média. PL número 197 é onde se encontra a coleção dos escritos de Hildegarda de Bingen.

²⁰ Mosteiro beneditino duplo (mosteiro que abriga monges em uma parte e monjas na outra), Disibodenberg foi fundado por um monge irlandês do século VII, São Disibod. Hildegarda escreve sobre vida desse monge, que cultivou o jardim, sustentando seus companheiros com plantas quando estavam sem outra comida. Muitos doentes foram trazidos para ele, e o Espírito *Santo*, através de seus méritos, os curou. Bingen, *Physica*, 4.

²¹ Pernoud, *Hildegard de Bingen*, 12-13.

²² Fraboschi, 37.

religiosa²³. Naquele período, outra pessoa entra em sua vida e permanece por anos, o monge Volmar, confessor das monjas no mosteiro Disibodenberg. Atento às visões da menina, para averiguar a ligação com Deus, Volmar se tornaria cada vez mais próximo, amigo e confidente, escrevendo o que Hildegarda contava de suas revelações. Essa relação configurou-se em aparente cumplicidade. Presume-se que o monge Volmar foi quem proporcionou seu contato com livros da biblioteca do mosteiro de Disibodenberg. Mais tarde ele seria secretário e assistente da Abadessa.²⁴

O ano de 1136 trouxe para Hildegarda novos desafios. Ela se tornaria a nova abadessa da comunidade feminina, junto ao monastério duplo.²⁵ Suas irmãs a elegem com *magistra*, reconhecida por seu discernimento e seu espírito moderado. As regras beneditinas mencionavam qualidades necessárias que um abade deveria possuir para o bom desempenho de suas tarefas. Cabendo ser um bom pastor de almas ao exercer sobre a comunidade a formação espiritual e religiosa para o crescimento na vida monástica.²⁶

Podemos ressaltar que Hildegarda, sendo uma abadessa da ordem de São Bento, seguiria as regras e as aplicaria em todos os sentidos dentro do mosteiro de Rupertsberg, o primeiro monastério fundado por Hildegarda, sobre o qual falaremos ainda neste capítulo. As regras beneditinas sempre se referiam ao abade, nunca à abadessa. No entanto, as funções de uma abadessa beneditina seriam as mesmas que as de um abade beneditino, sendo a maior autoridade em seus mosteiros.

²³ Pernoud, 14-15.

²⁴ Romero, *Hildegard von Bingen*, 26.

²⁵ Newman, 24-25.

²⁶ Fraboschi, 71.

São Bento de Núrsia (480-547), no século VI, escreveu as regras da Ordem Beneditina. Essas regras foram muito significativas para o monaquismo ocidental, as quais destacam as características do ascetismo de São Bento, tendo como principal objetivo a estruturação da comunidade monástica beneditina. Grande parte dessa regra consiste em legislação litúrgica, código disciplinar, regras sobre administração e sobre vida diária dos monges.²⁷

O plano de vida ascética da ordem beneditina e as atividades do mosteiro dependiam, na sua maioria, da sabedoria e do bom senso do abade. Nas regras de São Bento, as tarefas do abade foram descritas de forma precisa, de modo que esse deveria observá-las em cada detalhe. As regras são expressões da tradição e o abade representaria Cristo, origem dessa tradição. O ofício do abade consistiria em interpretar e aplicar a regra organizando, assim, a vida no mosteiro.²⁸

A vida monástica favorecia a dedicação à cultura aos estudos eruditos. O saber era valorizado no ambiente do monasticismo ocidental: os monges foram encarregados de preservar o legado dos escritos da Antiguidade²⁹. Entre os ambientes centrais da vida dos mosteiros, estão biblioteca e o *scriptorium*, demonstrando que os livros eram venerados como objetos sagrados e a obra de um copista, considerada um ato espiritual. A vida monástica era regida pela oração, mas para muitos monges eruditos, a vida de estudo era um exercício espiritual diário. Assim, o monasticismo europeu desempenhou um papel relevante, entre os séculos VII e XII, em todos os grandes campos da atividade humana, política, econômica, artística e intelectual.³⁰

²⁷ McGinn, *O Desenvolvimento da Mística*, 51-53.

²⁸ Ibid., 53.

²⁹ Lauand, *Educação e cultura*, 164.

³⁰ Le Goff, *Dicionário*, 234-235.

Outra atividade regulamentada nas regras monásticas beneditinas era o cuidado com os enfermos. Era preciso, acima de tudo, tratar os doentes como se estivesse tratando de Cristo, pois, segundo as regras, adquiriam-se numerosas recompensas espirituais ao cuidar de enfermos³¹. Os doentes deveriam receber tratamento diferenciado, porque apresentavam situação de delicada fraqueza, cabendo ao abade cuidar para que não sofressem negligências.³²

Os mosteiros representavam uma das poucas possibilidades de obter cuidados para os doentes e os monges muito fizeram para amenizar o sofrimento do ser humano, pois a Igreja considerava o cuidado aos doentes obrigação de seus membros. O resultado foi a organização de um sistema de tratamentos medicinais nos mosteiros, voltado à caridade cristã. Em ambientes monásticos como esse, a medicina antiga sobreviveu no Ocidente medieval de forma fragmentada e oscilando entre os campos eruditos e populares.³³

Ainda que a proposta da vida monástica fosse de reclusão, Hildegarda possuía vínculos com o mundo secular, resultado de seus talentos místicos e de cura. Esse contato com o mundo fora do mosteiro permitia-lhe ter consciência dos acontecimentos de sua época, como pode ser observado em sua correspondência³⁴. O contato com clérigos, monges de outros mosteiros e peregrinos visitantes, possivelmente, proporcionou oportunidades para conhecer teorias, crenças e práticas relacionadas à arte de curar.³⁵

³¹ Bento, *A Regra de São Bento*, 151, cap. 36.

³² Ibid., 177, 151, cap. 36, 48.

³³ Le Goff, 151-153.

³⁴ Fraboschi, *Cartas de Hildegarda de Bingen*, 10.

³⁵ Stoudt, "The Medical, the Magical," 249.

1.4 A Idade Média e a simbologia alegórica

Os cristãos da Idade Média acreditavam que para alcançar a vida eterna era necessária a salvação do corpo e da alma. Considerava-se que a perfeição espiritual poderia ser alcançada através de sofrimentos ou enfermidades no corpo. Neste sentido, a medicina do período está intimamente ligada à teologia mística. Era comum buscar as manifestações do mundo espiritual no mundo físico.³⁶

Os doentes, nesse período, procuravam os tocados pela graça Divina; pessoas, principalmente eclesiásticos, que exerciam a arte de curar, considerados possuidores de saberes sobrenaturais que, supostamente, possuíam contato com o mundo espiritual. Os tratamentos de cura, muitas vezes, eram procedimentos mágico-religiosos interagindo entre si. A Abadessa Hildegarda foi um desses exemplos, já que praticava em sua arte de cura encantamentos cristianizados, utilizando as virtudes das coisas naturais, especialmente plantas e pedras.³⁷

A simbologia estava presente nos tratamentos de cura e as plantas representavam uma dessas criaturas em contato entre os dois mundos, mediadoras simbólicas entre o mundo humano e o mundo sobrenatural. O preparo de emplastros, decocções, banhos, pós e unguentos com as virtudes das plantas seria a forma mais frequente de aplicação desses poderes encontrados nas coisas naturais. Um exemplo da utilização das virtudes sobrenaturais das plantas foi o das raízes dos vegetais: acreditava-se que absorviam dos poderes mágicos do subsolo. As virtudes dos vegetais foram aplicadas nos mais diversos

³⁶ Le Goff, *O Maravilhoso e o Cotidiano*, 57-59.

³⁷ Le Goff, *Dicionário*, 157-158.

tratamentos de cura do corpo, da mente e da alma, representando esse contato com mundo sobrenatural.³⁸

1.5 A fundação do mosteiro Rupertsberg e a composição da obra *Physica*

No período de fundação de uma comunidade religiosa fora dos limites do mosteiro duplo de Disibodenberg se deu a maior produção literária para Hildegarda. Os *privilegia*, concedidos pelo Papa Eugênio III, proporcionaram-lhe liberdade para desenvolver seus conhecimentos; a saída do mosteiro masculino ofereceu à Abadessa confiança para escrever.³⁹

Pouco tempo depois do reconhecimento de seus dons místico pelo Papa, Hildegarda receberia outra visão, sendo orientada a sair da comunidade masculina a qual estava ligada e fundar um novo mosteiro. Mesmo com objeções da parte do abade, e com a relutância de suas freiras em deixar aquele mosteiro, em 1150, Hildegarda mudou-se para Bingen, nas proximidades do rio Reno, levando consigo apenas dezoito ou vinte monjas. A saída proporcionou a Hildegarda e suas monjas independência em relação aos monges, tanto jurídica e financeira, quanto espiritual, o que se desdobrou em um litígio prolongado por parte do abade do mosteiro de Disibodenberg.⁴⁰ No entanto, ela persistiu valendo-se de suas ligações familiares – para assegurar a terra – e de sua visão mística – para que o abade entendesse que sua partida era vontade de Deus.⁴¹

O período compreendido entre 1150 e 1159, ou seja, da saída de Disibodenberg até a afirmação de seu novo mosteiro em Rupertsberg,

³⁸ Ibid., 158-59.

³⁹ Cf. Mansi, XXI, 737-738.

⁴⁰ Cf. Sanctae Hildegardis, Explanatio. 1065b 67a.

⁴¹ Newman, 27-29. Throop, 3-6.

Hildegarda atuou de forma intensa, pois suas responsabilidades como abadessa ampliaram-se. A partir daí, dedicou-se a atividades para garantir o fortalecimento de seu mosteiro: trabalhou para estabelecer a disciplina monástica, ensinando e pregando; supervisionou a construção do mosteiro; lutou por um alvará de independência do mosteiro Disibodenberg; e estabeleceu o culto a seu próprio patrono, São Ruperto, ao escrever a *Vita* a ele dedicada. Compôs obras musicais que enriqueceram a vida litúrgica de seu mosteiro, além do *Ordo virtutum*, peça dramático musical. Neste mesmo período, inscrevem-se as obras visionárias e as obras sobre curas. Nessa rotina intensa de atividades voltadas para Rupertsberg inclui-se ainda uma ampla correspondência com o mundo exterior. Além disso, a crescente fama de Hildegarda traria constante corrente de peregrinos, bem como a chegada de futuras monjas.⁴²

O historiador da ciência George Sarton (1884-1956), em seu clássico *Introduction to the History of Science*, publicado em 1931⁴³, comenta as obras de Hildegarda, indicando como significativos escritos de dois tipos: “o primeiro, livros que contêm visões cosmológicas referentes à teoria do macrocosmo e microcosmo”⁴⁴ – termos não usados por ela, mas passíveis de serem reconhecidos nas obras –; o segundo tipo liga-se a trabalhos sobre “tratamentos curativos baseados em tradições beneditinas e populares”, como também em observações pessoais. Para o autor, um exemplo dessa literatura seria o *Physica*, obra relevante sobre a cura praticada com plantas em ambiente

⁴² Newman, 29. Throop, 1-3.

⁴³ A publicação consultada foi a de 1931, porém essa obra de George Sarton teve publicações em vários anos.

⁴⁴ A teoria do macrocosmo e do microcosmo liga-se à visão neoplatônica do mundo que se estudou e se modificou ao longo do tempo. Muitos filósofos neoplatônicos defendiam uma leitura religiosa de conceitos platônicos acerca do ideal. Assim, existem os neoplatonismos gnóstico (como Amônio Saccas, Plotino, Porfírio), cristão (como Orígenes, Mario Vittorino, Agostinho) e judaico (como Filão de Alexandria). Bernardino, *Dicionário*, 67-82. Debus, *O Homem e a Natureza*, 27-31.

monástico.⁴⁵ Hildegarda, ao ser mencionada por esse importante autor, demonstra a relevância de seus escritos para o saber no século XII.

1.6 Hildegarda estudada na História da Ciência

Hildegarda de Bingen atraiu a atenção de renomados historiadores da ciência que lhe dedicaram alguns de seus escritos, como: George Sarton, Charles Singer e Walter Pagel (1898-1983), evidenciando, dessa forma, que a pessoa e as obras da Abadessa mostram relevância no saber produzido no século XII.

Vejamos a perspectiva de cada um desses autores acerca de Hildegarda. George Sarton a considera mulher de grande visão, uma mente do tipo mística, talvez uma das principais consciências e personalidades mais influentes entre os cristãos de seu tempo⁴⁶. Charles Singer, por sua vez, a avalia como uma mulher independente e familiarizada com a ciência de sua época, dotada de eficiente intelecto e capacidade literária⁴⁷. Walter Pagel, por fim, conceitua-a como uma visionária, transmissora e transformadora original de ideias cosmológicas e alegóricas gregas e cristãs. Pagel afirma ainda, que ela se tornou ponto de referência espiritual, sendo consultada por seus conselhos e dons proféticos, de modo que sua influência foi sentida na Europa do seu tempo⁴⁸. Neste ponto, estes historiadores da ciência possuem ao menos uma

⁴⁵ Sarton, *Introduction to the History*, 386-87.

⁴⁶ Ibid., 386.

⁴⁷ Singer, 2.

⁴⁸ Pagel, 396.

concordância a respeito do modo como a viam, considerando-a uma mulher que possuía um saber considerável para a época.

No que diz respeito aos escritos, quando esses historiadores da ciência se referem à obra médica de Hildegarda, Sarton considera o *Physica* como uma obra especialmente significativa em receitas empregando plantas; já o *Causae et Curae*⁴⁹ seria um resumo de doenças e da forma como tratá-las, com receitas principalmente de origem popular e derivados de plantas. Segundo ele, essas duas obras demonstram, de forma resumida, a medicina praticada no século XII em território germânico.⁵⁰ Pagel comenta que se tratam de obras sobre a arte de cura, pois no *Physica* encontramos textos acerca das coisas naturais sendo usadas de forma curativa, e no *Causae et Curae*, a natureza e as formas de doenças e suas causas⁵¹. Quanto à opinião de Sarton e Pagel no que se refere às obras de cura de Hildegarda, demonstram opiniões semelhantes.

Sobre a experiência médica exercida por Hildegarda, para Sarton ela possuía uma prática independente e baseada nas tradições latina, beneditina e folclórica. Era conhecedora de práticas populares tradicionais com plantas, e a maioria de seus tratamentos baseava-se no uso de medicamentos simples.⁵² Para Pagel, Hildegarda era uma escritora da natureza e dos medicamentos; muito provavelmente, seu saber de cura era fruto de suas experiências. Analogias bíblicas e microcósmicas formam um tipo de tratamento de cura que era original em Hildegarda. Em parte, suas atividades práticas seriam o resultado

⁴⁹ *Causae et Curae* é uma obra de Hildegarda sobre a natureza e causas das doenças. No segundo capítulo, trataremos um pouco mais a respeito dela, porém nossa pesquisa está voltada para a obra *Physica*.

⁵⁰ Sarton, 310.

⁵¹ Pagel, 396-97.

⁵² Sarton, 305, 310.

de seus estudos sobre a natureza e a medicina.⁵³ Os dois autores ressaltam as influências percebidas na arte de cura da Abadessa.

Singer e Sarton, conceituados estudiosos contemporâneos, utilizam a historiografia tradicional, entendendo a narrativa da história como linear, progressista, internalista. Assim, selecionam no passado apenas o que parece ter permanecido⁵⁴. Contudo, quando se trata da obra médica da Abadessa Renana, observam-se pontos de divergências entre esses dois autores. Enquanto Singer resalta que os escritos foram atribuídos a ela e que o saber contido nas obras não representaria a conhecimento de Hildegarda; Sarton reconhece, como já comentamos, as obras médicas como pertencentes a ela, quando demonstra o saber da medicina que praticava⁵⁵.

Outro conceituado estudioso, Walter Pagel, entretanto, delineou novos contornos para a historiografia na História da Ciência, ressaltando que os personagens deveriam ser compreendidos e inseridos na estrutura de pensamento próprio da época em que viveram.⁵⁶ Isso leva a alcançar o posicionamento de Pagel sobre Hildegarda, uma autora que deve ser entendida como parte do contexto no qual está inserida.

Lynn Thorndike (1882-1965), também estudioso da ciência, em sua ampla obra *History of Magic and Experiental Science*, publicada em 1957, escreve sobre Hildegarda de Bingen. Relatou sua vida na casa religiosa próxima ao rio Reno, suas visões e curas, além de sua habilidade curativa que contribuiu mais para sua santidade do que os escritos teológicos. Discorre sobre as cinco obras mais conhecidas, sendo três escritos provenientes de visões e com conteúdo

⁵³ Ibid., 397.

⁵⁴ Alfonso-Goldfarb & Beltran, *Escrevendo a História da Ciência*.

⁵⁵ Sarton, 310.

⁵⁶ Alfonso-Goldfarb & Beltran, *Escrevendo a História da Ciência*.

religioso, e outros dois escritos medicinais, sobre tratamentos e o uso de elementos naturais para cura.⁵⁷

Jerry Stannard (1926–1988), pesquisador de história da medicina, indica que os textos de curas, escritos por Hildegarda, são exemplos do saber de medicina latina medieval, considerando o *Physica* um significativo trabalho médico, que aponta o saber de cura em terras germânicas medieval.⁵⁸

Nesse ponto, temos que ressaltar que os estudos desses importantes pesquisadores demonstram que os escritos da Abadessa de Bingen não foram reconhecidos apenas por suas visões, mas também representam significativa relevância na história da medicina e na História da Ciência.

As informações iniciais a que se têm acesso sobre Hildegarda de Bingen, por ser uma monja, estão localizadas, sobretudo, entre os autores da área teológica, isso porque boa parte dos estudos estão ligados ao misticismo. No entanto, no decorrer da pesquisa pôde-se verificar que seu nome e obras são encontrados em estudos de diferentes áreas: desde o que se referem à cultura monástica e misticismo teológico, passando por autores que estudam o período da Idade Média, da história da medicina e das plantas, até chegar na História da Ciência. Citaremos mais alguns autores, entre tantos outros que de alguma forma estudaram a Abadessa Renana, tornando-se relevantes para esta pesquisa.

Pesquisadores da história medieval que atentaram para a pessoa e a obra de Hildegarda de Bingen, como Regine Pernout (1909-1998), que publicou em 1994 a obra *Hildegarde de Bingen: Conscience Inspirée du XIIe Siècle, le Grand*

⁵⁷ Thorndike, “*Saint Hildegard of Bingen*”, 129-130.

⁵⁸ Stannard, “*Benedictus Crispus*”, 25.

Livre du Mois; e Jacques Le Goff (1924-2014), em suas muitas publicações sobre a história medieval, fez referência à Abadessa Renana.

Mais recentemente, Margarita Romero (-2010), doutora em História, fez uma extensa pesquisa sobre Hildegarda e suas obras médicas encontradas em publicação póstuma, trabalho que recebeu o título de *Hildegard von Bingen: de Fungis y la Reescritura de los Textos de la Antigüedad*, publicada em 2015. Essa autora deixou um valioso trabalho sobre a obra *Physica*, especialmente no que se refere ao tema dos fungos, encontrado no *De Plantis*, do *Physica*, visto que no século XII, os fungos são entendidos como plantas. Esse trabalho de Romero, pelo volume de informações e qualidade da pesquisa, angaria grande relevância para quem estuda a obra *Physica*.

Outra autora que realizou importante pesquisa foi Azucena Fraboschi (-2014), formada em Filosofia e tradutora, possui várias publicações sobre Hildegarda. Ressaltamos, em especial, suas atividades sobre as traduções do epistolário da Abadessa, fontes de informação a quem se dedica aos estudos hildegardianos.

1.7 Hildegarda: visionária e mística

McGinn (1937-), pesquisador da espiritualidade e do misticismo, comenta que os místicos, em sua essência, relatam experiências da manifestação direta de Deus, enquanto os visionários centram-se num encontro com figuras celestiais. Muitas vezes, essas visões assumem um caráter místico no senso de conter, de alguma forma, experiência com Deus. Nesse sentido, visões podem

ou não ser místicas, dependendo se o conteúdo envolve ou não um contato direto com o divino.⁵⁹

O princípio místico da religião cristã deve ser visto como um processo ou modo de vida, ao invés de ser definido apenas em termos de alguma experiência de união com Deus. Os místicos expressam o desejo de atingir, pela graça divina, um encontro com Deus que seja mais profundo que aquele alcançável no curso comum de sua prática religiosa.⁶⁰

Nas regras beneditinas, a moderação deve reger todos os sentidos da vida do monge. O monaquismo beneditino apresenta a visão de vida equilibrada em oração, leitura, devoção pessoal e trabalho físico, sendo a liturgia o componente essencial que evidencia a presença de Deus no meio da comunidade. Dessa forma, São Bento ajudou a transmitir ao mundo medieval o valor essencial de mística cristã.⁶¹

O modelo tradicional do monaquismo observado até o século XII teve influência das ondas de reformas, devido às renovações da vida monástica e pelas mudanças na Igreja. Os beneditinos, no século XII, estavam voltados aos aspectos místicos mais tradicionais, contudo as mudanças ocorridas nesse século atingiram essa tradicional ordem monástica, havendo mudanças significativas na consideração de formas de visões místicas: grande período de novos visionários.⁶²

Os beneditinos tradicionais do século XII contribuíram para o desenvolvimento da mística monástica. Alguns religiosos da ordem apresentaram novos aspectos que estão entre os visionários e os místicos, entre

⁵⁹ McGinn, 477-79.

⁶⁰ Ibid., 9.

⁶¹ Ibid., 52-54.

⁶² Ibid., 476-77.

eles está Hildegarda de Bingen, um exemplo complexo da relação entre visão e mística.⁶³ No entanto, devido às definições de misticismo, ela pode ser mais identificada como uma visionária, embora tivesse experiências místicas.

As mais conhecidas obras de Hildegarda, que lhe deram reconhecimento dentro do ambiente teológico, foram seus escritos frutos de suas visões e, com frequência, reconhecidos como místicos.⁶⁴ Ela é interpretada como possuidora de uma intuição teológica muito apurada. A forma como percebia os mistérios divinos era diferente do que havia de disponível na tradicional herança beneditina. Esses aspectos têm levado a muitos estudos, inclusive a respeito da nomenclatura de mística, porque é possível encontrar relatos de experiências místicas em seus escritos.⁶⁵

Sabendo desse significativo aspecto na vida de Hildegarda, deve-se considerar que seus escritos foram realizados sob a perspectiva do olhar místico, ou mesmo visionário, do mundo que a rodeava.

Lynn Thordike sugere que os aspectos da mentalidade mística atuavam de forma relevante na arte de cura de Hildegarda, pois, considerando o contexto no qual ela se encontrava, essas práticas não poderiam ser separadas. Estudos da mística medieval e da História da Ciência demonstram perfeitamente aceitável essa questão.⁶⁶ Assim, Allen Debus (1926-2009) ressalta que é importante não separar o místico e o científico quando se trata de um personagem que apresenta em seus trabalhos esses dois aspectos. Fazê-lo, seria distorcer o clima intelectual de sua época.⁶⁷ Em nossa pesquisa, esse conceito de A. Debus

⁶³ Ibid., 478-79.

⁶⁴ Newman, 36.

⁶⁵ McGinn, 478-79.

⁶⁶ Thorndike, 132.

⁶⁷ Debus, 11.

é perfeitamente aplicável à Abadessa Renana. Desse modo, foi sendo construída a pesquisa, reconhecendo que suas obras médicas e sua prática de cura deveriam ser entendidas levando em conta o contexto místico no qual se encontrava a Abadessa de Bingen.

Hildegarda de Bingen é uma mística de prestígio para a Igreja cristã, e escreveu obras relevantes sobre receitas curativas, aplicando coisas naturais, e sobre a natureza e as causas das doenças. Considerando esses dois campos, o da mística e da cura, como se articulavam no pensamento e na ação da Abadessa de Bingen? Na tentativa de responder a essa questão, no próximo capítulo, vamos levantar indícios que possam sugerir essa articulação realizada por Hildegarda. Possivelmente, as influências provenientes da tradição cristã beneditina, da cultura popular Germânica e de vestígios dos clássicos da antiguidade fomentaram essas articulações. Tais evidências podem ser encontradas no primeiro livro “De Plantis”, do *Physica*, como será visto a seguir.

Capítulo 2

As diferentes contribuições à *Physica* de Hildegarda de Bingen

2.1 O *Physica* e seu percurso

Neste capítulo, analisaremos alguns indícios de diferentes contribuições ao *Physica*, de Hildegarda de Bingen, seguindo a sugestão de Stannard sobre três tradições nos escritos médicos em território germânico medieval, que seriam: a tradição cristã beneditina, a tradição greco-romana e a tradição popular germânica.⁶⁸ Para desenvolver a pesquisa, escolhemos o primeiro livro “De Plantis”, do *Physica*.

A pesquisa está voltada para algumas plantas descritas no primeiro livro, ao qual Hildegarda integrou receitas e tratamentos medicinais, incluindo recomendações para uma dieta alimentar relacionada aos vegetais. Para análise, usamos uma tradução para o inglês de Priscilla Throop (1946-), que recebeu o título *Hildegard von Bingen's Physica*, publicado em 1998. Essa tradução baseia-se na edição da *Patrologia Latina*, de Migne. Consultamos uma tradução para o espanhol, de Rafael Renedo Hijarrubia, com o título *Physica – Libro de Medicina Sencilla: subtilitatum diversarum naturarum creaturarum*, publicada em 2018.

Hildegarda compôs a obra sobre matéria médica, o *Liber compositae medicae de aegritudine causis, signis atque curis*, (Livro de remédios composta sobre as causas, sintomas e curas das enfermidades) entre os anos de 1151 e 1158. Como observado, a obra médica foi fruto do período de maior produção literária de Hildegarda, decorrente das condições de liberdade que a transferência do mosteiro Disibodenberg para o mosteiro Rupertsberg representou para ela. Hildegarda, mesmo sendo abadessa das monjas,

⁶⁸ Stannard, “Greco-Roman Medical,” 455.

enquanto esteve nas dependências do mosteiro de Disibodenberg subordinava-se às ordens do abade masculino.⁶⁹

Essa obra da Abadessa teve, originalmente, o título *Liber compositae medicinae de aegritudine causis, signis atque curis*. Escrita como uma obra única, posteriormente dividiu-se em duas partes. Entretanto, o texto manuscrito original de Hildegarda se perdeu.⁷⁰

O monge beneditino Johannes Trithemius (1462-1516) foi apontado como a pessoa que fez a divisão da obra em duas parcelas distintas⁷¹: o *Liber Simplicis Medicinae* (Livro dos remédios simples ou *Physica*), sobre as coisas naturais e receitas curativas; e *Liber Compositae Medicinae* (Livro dos remédios compostos ou *Causae et curae*), sobre a natureza, os tipos de doenças, suas causas e medicamentos compostos adequados ao tratamento.⁷²

O *Liber Simplicis Medicinae* recebeu o nome *Physica*, pela primeira vez, em 1533, em uma edição publicada por Johannes Schott, como obra autônoma. O título na íntegra, escolhido por esse editor, era *Physica S. Hildegardis, Elementorum, Fluminum alíquota Germaniae, Metallorum, Leguminum, Fructuum, et Herbarum: Arborum, et Arbustorum: Piscium denique, Volatiliium et Animantium terrae naturas et operationes IV libris mirabili experientia posteritati tradens*.⁷³ Por muito tempo, a edição de Schott foi o único texto publicado, mas com a descoberta de diferentes manuscritos e estudos dessa obra, percebeu-se que o rearranjo que Schott fez dos livros era diferente dos textos manuscritos: o Livro *Sobre as Pedras*, por exemplo, não está presente nesta edição de Schott.⁷⁴

⁶⁹ Pagel, 396.

⁷⁰ Romero, Hildegarda de Bingen y la Medicina, 51.

⁷¹ Ibid.

⁷² Pagel, 396.

⁷³ Romero, 51.

⁷⁴ Throop, 4.

Encontramos vários autores que voltaram sua atenção para o *Physica*, com publicações da obra e estudos sobre a transmissão dos manuscritos e de suas cópias. Dentre as muitas publicações, destaca-se aquela produzida pelo doutor em medicina e filólogo Friedrich Anton Reuss que, em 1835, publicou nomeando-o como *De Libris Physicis S. Hildegardis. Commentatio historico-medica*. Esta edição baseou-se na edição impressa publicada por Johannes Schott e em consultas a manuscritos.⁷⁵

Depois, o *Physica* foi publicado com o subtítulo de *S. Hildegardis Abbatissae Subtilitatum diversarum naturarum creaturarum*, na ampla obra de Jacques Paul Migne (1800-1875), *Patrologia Latina*, tomo 197, editado entre 1841 e 1864. Em edições posteriores a 1882, também da *Patrologia Latina*, de Migne, os comentários e notas correspondentes são de F. A. Reuss, e a transcrição paleográfica foi realizada pelo médico Charles-Victor Daremberg.⁷⁶ Daremberg e Reuss usaram um manuscrito do século XV, incorporando materiais da edição de Schott que não aparecem naquele manuscrito.⁷⁷

Interessante notar que o trabalho de edição e publicações sobre o *Physica*, com exceção de J. P. Migne, padre católico, ligava-se, na maioria das vezes, a um círculo de médicos eruditos, demonstrando a relevância do *Physica* para o conhecimento de medicina.

Romero considera as edições elaboradas por Reuss e Migne, edições críticas, já que revisaram e analisaram vários autores, cópias e manuscritos, embora a edição de Migne seja apontada como mais completa.⁷⁸ No entanto,

⁷⁵ Romero, 52.

⁷⁶ Ibid., 53.

⁷⁷ Throop, 4.

⁷⁸ Sobre edições críticas, conferir Spina.

nem Migne nem Reuss mencionam ter consultado o manuscrito original, de modo que se supõe que já estivesse perdido.⁷⁹

As cópias dos manuscritos do *Physica* remanescentes são quatro: a mais antiga está na Biblioteca Medicea Laurenziana, em Florença, (Ms. Laut. Ashb. 1323), feita por volta do ano 1200. A Biblioteca Herzog-August, em Wolfenbüttel, na Alemanha, guarda outro manuscrito (Cod. 56, 2 Aug. 4º), cuja datação está entre os séculos XIII e XIV. A Biblioteca Real de Bruxelas (Cod. 1494) conserva um manuscrito do século XV. A Biblioteca Apostólica do Vaticano, em Roma, conserva uma cópia (Cod. Ferraioli 921), datada partir do final do século XIV ou início do século XV.⁸⁰

Ainda é possível consultar três fragmentos do *Physica*: A Biblioteca Burges de Berna, na Suíça, guarda um fragmento (Cod. 525 fólhos 18r-23r) transcrito entre os séculos XIV e XV. A Biblioteca da Universidade de Freiburg, Alemanha (Cod. 178a), conserva o fragmento do século XVI. Outro fragmento está na Biblioteca da Universidade de Augsburg (Cod. III 1, 2º, fol. 43).⁸¹

A obra *Physica*, de Hildegarda de Bingen, compõe-se de nove livros que tratam das coisas naturais e suas propriedades. Estas são apresentadas em cada livro sob os títulos: plantas, elementos, árvores, pedras, peixes, pássaros, animais, répteis e metais.

O primeiro livro, *De Plantis*, reúne 230 itens, na grande maioria, plantas, mas inclui também itens como manteiga, sal, mel, vinagre e ovo, que aparecem por serem usados no preparo dos medicamentos. O segundo livro, “De Elementis”, faz menção a elementos aristotélicos como ar, água, terra, a alguns

⁷⁹ Romero, 53.

⁸⁰ Ibid., 58; Throop, 4.

⁸¹ Ibid.

minerais e ainda se refere aos rios germânicos. No terceiro livro, “De Arboribus”, encontram-se 68 itens dedicados a árvores e arbustos, indicando tanto propriedades medicinais, quanto prejudiciais para a saúde do homem. O quarto livro, “De Lapidibus”, apresenta 26 tipos de pedras. Hildegarda, no prólogo desse livro, comenta que “Deus enviou para a terra a beleza e a energia das pedras, para trazer honra e bênção aos homens, e que fossem usadas para a medicina”⁸². O quinto livro, “De Piscibus”, descreve 37 espécies de peixes. O sexto livro, “De Avibus”, contém descrições de 78 espécies de aves, entre as quais a águia e o falcão. No prólogo desse livro, Hildegarda descreveu que a alma humana seria de natureza aérea porque possuiria a capacidade de elevar-se e sustentar-se no ar, fazendo comparação aos animais comentados nesse livro.⁸³ O sétimo livro, “De Animalibus”, compreende 45 espécies distintas de animais, entre os quais estão: o tigre, o elefante, o unicórnio, o lobo, a ovelha, a cabra, entre outros. É importante ressaltar que, nesse livro, Hildegarda descreveu animais que não vira pessoalmente, evidenciando, desta forma, as leituras a que Hildegarda teria tido acesso, como, por exemplo, os bestiários, que eram um tipo de obra comum nesse período.⁸⁴ No oitavo livro, continuaria com outros animais, que nomeou répteis, somando um total de 18 itens. São exemplos de animais descritos nesse livro, o dragão, diferentes classes de serpentes, rãs, escorpiões, minhocas. A alguns animais citados no oitavo livro, saber popular da época, eram atribuídas propriedades mágicas e de feitiçaria. Outros desses animais seriam mitológicos, revelando a simbologia do período que pode ser vinculado a textos escritos em diferentes localidades da Europa,

⁸² Nossa pesquisa não abordará esse livro, mas é interessante observar que as pedras eram usadas para tratamentos medicinais. Cf. Bingen, *Physica*, 137-156.

⁸³ Nesse livro, Hildegarda incluiu as abelhas e as moscas, por terem asas. Cf. *Ibid.*, 177-202.

⁸⁴ Fonseca, “A Nobreza Cristológica”, 114.

os quais remetem a textos e autores antigos.⁸⁵ O nono livro, “De Metallis”, trata de oito metais – os sete tradicionalmente conhecidos: o ouro, a prata, o chumbo, o estanho, o cobre, o ferro e o aço –, classificando o latão como não natural, mas como uma mistura de outros metais.

A organização do *Physica* certamente não segue um plano evidente aos olhos modernos, aos quais seria mais lógico reunir os livros das plantas e das árvores em um livro, o das pedras e dos metais noutro, e o que se refere aos animais em um único livro.⁸⁶ A estrutura encontrada no *Physica* remete a obras de seu tempo, tais como os herbários e os bestiários, textos de uma tradição antiga que permaneceu em todo o período medieval.⁸⁷

Para o nosso estudo, consultamos uma edição da *Patrologia Latina* publicada por J. P. Migne, de 1855, que está disponível on-line no site *Corpus Corporum*, no qual encontramos a obra completa de Hildegarda de Bingen, nomeada de *Hildegardis Bingensis. Subtilitates Diversarum Naturarum Creaturum*. Isso facilitou nossa pesquisa, pois podemos usar esta edição de Migne em latim e fazer comparações com a tradução de Priscilla Throop e também a tradução espanhola de Rafael Renedo Hijarrubia.

2.2. As virtudes das plantas na obra *Physica*

As plantas eram percebidas pela Abadessa de Bingen como tendo múltiplas virtudes, a serem utilizadas para fins medicinais. Podem ser aplicadas para tratar diferentes problemas de saúde por meio de efeitos, tais como: tirar

⁸⁵ Ibid., 116.

⁸⁶ Thorndike, 130.

⁸⁷ Debus, 35-42.

febres, eliminar parasitas, expelir venenos, tratar doenças de pele, doenças de visão e de audição, amenizar dores em partes específicas do corpo, curar demências, tratar problemas estomacais e respiratórios. Encontramos as virtudes das plantas aplicadas em práticas e tratamentos que parecem incomuns aos olhos de hoje, como proteger pessoas e lugares, afastar demônios e maus espíritos, desfazer encantamentos e procedimentos mágicos. A forma de curar e de manipular as virtudes das coisas naturais encontrada no *Physica* retrata a visão sobre medicina do tempo de Hildegarda⁸⁸.

Sobre as virtudes curativas das plantas aplicadas para tratar os mais diversos problemas de saúde, citamos dois exemplos: o *Funcho* e a *Menta d'água*:

“Se sentir dor forte como resultado de um fluxo excessivo de seus orifícios nasais, tome *Funcho* e quatro vezes mais de *Endro* e coloque-os em um tijolo aquecido ao fogo. Vire o *Funcho* e o *Endro* para fazer fumaça. Aspire a fumaça e o cheiro pela boca e narinas, e então coma essas ervas quentes com pão. Faça isso por quatro ou cinco dias, para que os humores fluam suavemente e deixem o doente.”⁸⁹

“Quando o estômago fica pesado por muita comida e bebida, ficando muito cheio, coma *Menta de Água* crua ou cozida, com as carnes ou em um caldo, ou cozida como em um purê. O peso passará, porque refresca as vísceras gordurosas e quentes, enquanto diminuem a congestão.”⁹⁰

As virtudes das plantas ainda são usadas por Hildegarda para “banir a raiva e a estupidez”, “restringir a luxúria,” “conceder bons temperamentos ou extinguir paixões indignas”. O tratamento consistia, muitas vezes, em apenas levar consigo determinada planta para que suas virtudes benéficas protegessem, servindo como uma espécie de amuleto.⁹¹

⁸⁸ Pagel, 396-97, Stoudt, 258.

⁸⁹ Bingen, *Physica*, Funcho, LXVI, 40.

⁹⁰ Ibid., Menta de Água.

⁹¹ Thorndike, 142.

Ao trata de receitas medicinais, o livro das plantas não está especificamente detalhado, pois quando recomenda usar determinada planta, na maioria das vezes, não especifica se utilizaria as folhas, as raízes, os caules ou as flores. Quanto às quantias, não aparecem expressas em detalhes. A quantidade a ser ingerida dos remédios surge em termos vagos.⁹² Isso poderia demonstrar que essas informações, de termos tão imprecisos, algo muito significativo em tempos modernos, talvez não o fosse naquele contexto. É muito possível que quem fosse fazer uso das receitas já possuísse o conhecimento obtido pela tradição oral, como era característico dos conhecimentos práticos.⁹³

Sobre a composição do *Physica*, sugerimos que tivesse como propósito reunir numa obra os conhecimentos obtidos sobre medicamentos e cura com as coisas naturais baseada nas regras beneditinas, tornando acessível às monjas do mosteiro de Rupertsberg. Sabendo, como mencionado no primeiro capítulo, que nos anos seguintes Hildegarda dedica-se a viagens de pregação, sua previsível ausência do mosteiro talvez a tenha motivado a escrever uma obra que confiasse para ajudar no tratamento dos doentes.

O *Physica* é uma obra de medicamentos simples, ou seja, feito de um só material curativo. Apresenta diferentes receitas e tratamentos de cura para os mais diversos problemas de saúde do corpo, da mente e do espírito. A partir desses tratamentos, torna-se possível ter indícios dos problemas de saúde e dos sofrimentos que afligiam as pessoas no período. Pela leitura dessa obra podemos deduzir que Hildegarda era procurada pelos doentes para tratar esses sofrimentos, e notamos como ela utilizava as coisas naturais em sua prática e percebemos ainda, como lidava com as doenças do corpo e com os sofrimentos

⁹² Throop, 6.

⁹³ Beltran, “Receitas, Experimentos e Segredos”.

do espírito. Além disso, o conteúdo do *Physica* nos dá muitos vestígios da arte de cura praticada nos mosteiros beneditinos em território germânico do século XII.

2.3 As plantas na dieta alimentar

Vale ressaltar que Hildegarda descreveu duas formas de utilizar as plantas: no preparo de medicamentos e na alimentação. A dieta alimentar aparece como uma forma de prevenir as doenças, dar energias para as pessoas saudáveis e para restaurar a saúde aos doentes, em razão das virtudes alimentares.

Hildegarda, por ser uma abadessa beneditina, seguia as regras de São Bento. Essas regras também estabeleciam medidas alimentares ressaltando a moderação no comer e no beber, devendo levar em consideração a idade e o estado de saúde da pessoa, pois os doentes recebem tratamento diferenciado por estarem em condições delicadas.⁹⁴ Nesse sentido, encontrar na obra de Hildegarda a dieta alimentar seria previsível, pois seguir uma dieta alimentar equilibrada como forma de manter a saúde era uma tradição seguida pelos beneditinos.

No prólogo do *Physica*, observamos Hildegarda discorrer sobre as virtudes das plantas na alimentação, afirmando que determinadas “ervas possuem virtudes que ajudam a digerir outros alimentos, plantas de natureza feliz e suaves na digestão” e “plantas de natureza triste e pesadas na digestão”. Comenta ainda as que seriam inúteis para comer, pois não trariam benefícios.

⁹⁴ Bento, 155-157.

Essas citações encontradas no prólogo do *Livro das Plantas* fazem referência à dieta alimentar:

“Certas plantas crescem do ar. Essas plantas são suaves na digestão e possuem uma natureza feliz, produzindo felicidade em quem às come. Elas são como os cabelos de uma pessoa, pois são sempre claros e arejados.”⁹⁵

“Outras ervas são ventosas, uma vez que crescem do vento. Essas plantas são secas e pesadas na digestão. Elas são de natureza triste, deixando a pessoa que as come triste. Eles são comparáveis à transpiração humana. Além disso, existem plantas que são fatais como alimento para o homem. Elas não podem ser consumidas, seu suco é venenoso.”⁹⁶

Hildegarda não optou por uma ordenação alfabética em seu *Physica*. Aparentemente, usou um arranjo que lhe parecia adequado. Nota-se que organizou as informações seguindo alguma semelhança entre as plantas descritas. Inicia citando os cereais, nesta ordem: o Trigo, o Centeio, o Aveia, o Cevada, o Trigo vermelho, a Ervilha, a Fava, a Lentilha, o Milho vermelho⁹⁷. Depois de descrever suas qualidades humorais, comentou as vantagens de alimentar-se desses cereais, tanto para os sãos como para os enfermos. Observou que com a maioria desses grãos “faz-se a farinha e, com essa farinha, faz-se o pão ou mesmo come-se desta farinha na forma de pó”⁹⁸, talvez se referindo ao preparo de mingaus. Essas indicações nos levam a entender que a escolha dos grãos para o início do *Livro das Plantas* relaciona-se às suas virtudes alimentícias.

Encontramos, em seguida, outra sequência de plantas que são condimentos alimentares, possivelmente utilizados para temperar e conservar

⁹⁵ Bingen, *Physica*, prólogo, 9-10.

⁹⁶ Ibid.

⁹⁷ O Milho vermelho é um tipo de cereal conhecido desta forma na Europa. Dista do que conhecemos como milho.

⁹⁸ Bingen, *Physica*, 11.

alimentos; entre elas: o Cominho, a Cúrcuma, o Gengibre, a Pimenta, o Alçaçuz, a Canela, a Noz-moscada, o Cravo. Podemos sugerir que esta segunda sequência de plantas, no *Physica*, seja relevante no que se trata de uma dieta alimentar, pois temperar e conservar alimentos seria fundamental para não consumir alimentos estragados.

Depois dessas duas sequências, observa-se o acréscimo de ervas e plantas usadas no preparado de medicamentos. Mas Hildegarda, ao longo de todo o capítulo das plantas, faz comentários referindo-se à dieta alimentar e indicando a melhor forma de comer determinadas plantas. Assim, é possível encontrar, ao longo desse capítulo, outras plantas mais ligadas à alimentação, como: o Nabo, o Rabanete, a Alface, o Agrião, a Cebola, o Alho. Ela cita algumas frutinhas silvestres também. Frequentemente indica a melhor forma de comer ou utilizá-las em combinação com outras plantas para garantir uma boa digestão.

Na maioria das descrições das plantas, a Abadessa tem o cuidado de informar se tais plantas podem ou não ser ingeridas, ou a melhor forma de comê-las, para não prejudicar a saúde. Aparentemente, plantas usadas na alimentação e que causariam má digestão tornam-se um problema, porque poderiam alterar os humores, causando outros desequilíbrios na saúde. A planta *Salsão* é um exemplo de como os vegetais poderiam interferir nos humores:

“O *Salsão* é quente e de natureza mais úmida que seca. Tem muito suco em si e não é bom para comer cru, porque causa maus humores. Mas quando se cozinha para comer não é prejudicial, proporciona humores saudáveis.”⁹⁹

⁹⁹ Bingen, *Physica*, LXIX, *Salsão*, 42-43.

Hildegarda ressaltou também que uma mesma planta, quando ingerida por uma pessoa saudável ou por uma pessoa enferma, produziria em seus corpos efeitos diferentes. Ela indicou, dependendo das condições de saúde da pessoa, se esta poderia ou não se alimentar de determinada planta, ou ainda, recomendou a forma menos prejudicial de consumi-la. Não proíbe comê-las, mas adverte sobre o mal que estas plantas trariam ao serem comidas. Na citação seguinte, podemos observar essa recomendação da Abadessa Renana:

“[...] quem deseja comer *Alho-poró* cru deve temperá-lo primeiro com vinho e sal ou vinagre. Mantenha-o no vinho com sal por tempo suficiente para ser temperado, para que os poderes malignos que estejam nele sejam destruídos, [...] para os sãos comer assim temperado é saudável, é mais saudável comê-los cru e temperadas desta forma do que cozidas. Para as pessoas doentes não é saudável comê-los nem cru nem cozido, porque seu sangue não tem o calor correto, a matéria corrupta está excitada e seus humores estão alterados. Se uma pessoa doente come o *Alho-poró*, o perturba ainda mais. No entanto, se as pessoas doentes têm um grande desejo de comer, devem comê-lo cru, com moderação.¹⁰⁰

No entanto, os tratamentos medicinais são a maioria no *Physica*. Temos que ter em mente, porém, que a alimentação também era uma forma de curar, ou mesmo de prevenir doenças. Hildegarda possui a preocupação de informar como alimentar-se com determinadas plantas, porque observa que as pessoas fazem uso alimentar delas. Nesse sentido, a Abadessa teve cuidado de indicar a melhor forma de comer tais plantas, porque a alimentação seria um fator importante para manter o equilíbrio dos humores, como veremos ainda neste capítulo.

¹⁰⁰ Bingn, *Physica*, LXXXI Alho-poró, 46.

2.4 Os três aspectos do saber de cura em Hildegarda de Bingen

As fontes a que Hildegarda teve acesso e como adquiriu seu saber médico não são precisas. Estudos mostram que na prática de cura da Abadessa encontramos os componentes teológicos da tradição beneditina, das obras clássicas de origem greco-romana e, possivelmente, informações vindas da cultura e dos costumes da medicina local, considerando que Hildegarda era uma mulher conhecedora da tradição popular.¹⁰¹

Stannard (1926-1988) em sua publicação de 1972, *Greco-Roman Medical Media in Germany Medieval*¹⁰², relata a presença de diferentes aspectos que atuaram na medicina germânica medieval, sendo três os principais: o cristianismo latino, os costumes populares germânicos e a medicina greco-romana. A ordem monástica beneditina, com seus princípios e práticas cristãs, proporcionou um ambiente adequado para a transmissão dos textos médicos antigos, sendo de grande contribuição para a transição do saber, bem como na preservação do conhecimento popular germânico no que se refere a práticas e tratamentos com plantas. Dessa forma, Stannard sugere uma espécie de fusão dessas três tradições nos escritos médicos do território germânico medieval.¹⁰³

George Sarton (1884-1956) comenta que o conhecimento de cura da Abadessa de Bingen pode ser rastreado até fontes greco-romanas, através da tradição beneditina, e que possuía o conhecimento popular de seu povo, principalmente nas receitas preparadas com plantas. Sendo assim, o vernáculo

¹⁰¹ Pagel, 396-97.

¹⁰² A publicação consultada foi a de 1999.

¹⁰³ Stannard, "Greco-Roman Medical," 455.

germânico encontrado em sua obra para nomear plantas também indicaria a origem popular de parte do seu saber.¹⁰⁴

Lynn Thorndike (1882-1965), em sua obra *History of Magic and Experimental Science* – vol. III, dedicou um tópico a *Saint Hildegard of Bingen*. Thorndike fez uma coletânea sobre a história da magia e da experimentação, onde destaca o valor das ciências não necessariamente teóricas.¹⁰⁵ Sua pesquisa sobre magia e ciência experimental traçaria as relações com o pensamento cristão, tendo ênfase nos séculos XII e XIII, considerado por ele o período de maior produtividade do período medieval. Conforme Thorndike, os autores daquela época devem ser melhor entendidos numa configuração realizada a partir de obras de escritores gregos, latinos e cristãos primitivos, visto que seus trabalhos foram produzidos a partir desta tradição. Sofreriam alterações e contribuições, mas de alguma forma seus conceitos permaneceriam.¹⁰⁶

Vejamos, então, se há indícios dessas tradições no livro “De Plantis” de Hildegarda de Bingen.

2.5 A tradição beneditina como principal influência na prática de cura de Hildegarda

Nas regras beneditinas, o tema da cura é muito mencionado. O abade é tido como o sábio médico que cura o espírito dos que estão em falta e usa o remédio das divinas Escrituras; quando necessário, aplica aos enfermos o que

¹⁰⁴ Sarton, 50.

¹⁰⁵ Alfonso-Goldfard, *O Que é História da Ciência?*, 75-76.

¹⁰⁶ Thorndike, *History of Magic*, 1-2.

há de maior, a oração, buscando no Senhor que tudo pode, a salvação do irmão doente. A oração é reconhecida como uma forma de curar.¹⁰⁷

Sobre as funções do abade, na regra 27 de São Bento, chamam-no de sábio médico, devendo atender a todos que caíram em faltas e que chegam até ele, porque os doentes necessitam de médico.¹⁰⁸ O abade teria recebido a tarefa mais difícil e árdua: reger as almas de muitos, sempre tratando das coisas espirituais em primeiro lugar, tendo em vista o cuidado na salvação das almas que lhe foram confiadas.¹⁰⁹ Na regra 46, o abade é tido como curador da alma¹¹⁰.

Considerando que Hildegarda torna-se abadessa do mosteiro feminino aos 38 anos, assumiu as funções de reger a vida espiritual e religiosa dentro do monastério. Como vimos, pelas regras beneditinas, ela deveria ter o cuidado com o corpo e salvar as almas de quem estivesse em situação de falta.

Não se conhece precisamente as experiências de cura que Hildegarda possuía, mas ela foi um exemplo marcante do tratamento com plantas em território germânico do seu período. Supostamente, ela serviu no cuidado aos enfermos: dos membros de sua comunidade religiosa, dos leigos e de suas famílias.¹¹¹ Os detalhes fornecidos em descrições de suas obras medicinais sugerem que a autora possuía conhecimento prático em cultivar e recolher plantas, além da experiência no preparo de remédios e na observação de indivíduos que sofriam dos males descritos, como era comum entre os monges da época.¹¹²

¹⁰⁷ Bento, 139.

¹⁰⁸ Ibid., 135.

¹⁰⁹ Ibid., 75.

¹¹⁰ Ibid., 171.

¹¹¹ Stoudt, 258.

¹¹² Romero, *Hildegard von Bingen*, 54.

Hildegarda inicia o prólogo do livro das plantas fazendo menção à passagem da Bíblia, quando diz que o homem foi criado da terra, em uma clara alusão à criação de Adão. No *Physica*, encontramos tratamentos que, além de utilizar o elemento natural em certo ritual de preparo, integram a oração como parte significativa no processo de cura:

“Se alguém está sempre triste e aflito de modo que constantemente sente tristeza, dor e fraqueza em seu coração, deve usar *mandrágora*. Essa deve ter sido removida do chão e deve ter sido colocada, na água por um dia e uma noite. Retire-a da água e coloque-a perto de você na sua cama, para que a planta receba o calor de sua transpiração.

“Então diga: *‘Senhor, Tú que criaste o ser humano com a lama da terra sem colocar nele dor, agora coloquei ao meu lado essa terra que nunca pecou, para que a terra que estou colocando possa sentir esse estado da paz que está nela, assim como Tú a criaste.’* Se você não possui mandrágora, faça a sessão a partir da raiz de *Faia*. Felizmente, possui as mesmas qualidades para esta tarefa. Deve arrancá-la completamente, sem quebrar ou cortar as raízes, e tirá-la inteira. Coloque-a ao seu lado em sua cama, para que estas raízes sintam o seu calor e recebam também a transpiração do seu corpo. Diga as mesmas palavras sobre ela, você encontrará a felicidade e em seu coração notará a recuperação.”¹¹³

Percebe-se que havia uma conexão entre estado corpóreo e espiritual, pois as fraquezas religiosas ou os erros poderiam manifestar-se com aflições físicas.¹¹⁴ A enfermidade também poderia ser o resultado de um tipo de deficiência espiritual, como o afastamento de Deus, falta de obediência à vontade divina e o não arrependimento dos pecados. Para os monges da época, a base de uma boa saúde era a moderação, uma dieta alimentar equilibrada, vida espiritual e moral conforme a Escritura e os ensinamentos da Igreja¹¹⁵.

¹¹³ Bingen, *Physica*, Mandragora, LVI, 33-34.

¹¹⁴ Stoudt, 259, 268.

¹¹⁵ Ibid., 250-51.

A saúde é entendida como a harmonia entre o corpo e a alma, que possuiriam uma troca contínua com a natureza, estabelecendo uma relação equilibrada. Devido a sua crença religiosa, a preocupação principal de conservar a saúde do corpo centra-se na salvação da alma; não que o corpo seja menos importante, mas existe uma preeminência da alma a respeito do corpo.¹¹⁶

Nesse sentido, encontramos no *Physica* plantas que, de alguma forma, atuariam positivamente no espírito. Da planta Regaliz, Hildegarda diz que suaviza o espírito; da noz-moscada, que atua acalmando a amargura do espírito, deixando a mente alegre. Em outros momentos, porém, a planta poderia agir negativamente. Hildegarda alerta quanto a isso, como no caso da Belladona, que pode deixar o espírito agitado, como se estivesse fora do corpo. No caso da Mirra, seu odor separa a luxúria da pessoa, porém, não a deixa feliz, mas pesada e triste. Percebe-se ainda o tratamento numa tentativa de amenizar o sofrimento do espírito:

“A *Noz-moscada* [...] acalmará toda a amargura do coração e do espírito. Abrirá seu coração aguçará os sentidos deteriorados e fará sua mente alegre.”¹¹⁷

Stoudt¹¹⁸ comenta que Hildegarda deixa claro que o praticante da arte de cura é somente um transmissor do querer Divino, pois a capacidade de curar atribui-se a Deus¹¹⁹. Desse modo, podemos dizer que certos tratamentos identificados no *Physica* ressaltam a importância do conhecimento em religião de Hildegarda, como nos trechos em que se refere ao *Tomilho* e ao *Hissopo*:

¹¹⁶ Romero, *Hildegard von Bingen*, 61.

¹¹⁷ Bingen, *Physica*, Noz-moscada XXI.

¹¹⁸ A Dra. Stoudt é professora de alemão e decano associado na Faculdade de Artes Liberais e Ciências Humanas do Instituto Politécnico da Virgínia, publicou sobre os místicos medievais alemães, bem como magia e medicina na Idade Média.

¹¹⁹ Stoudt, 259, 268.

“Pegue o *Tomilho* e um pouco da terra que está ao redor de sua raiz e ferva. Prepare um banho de vapor, fervendo em uma caldeira com água o *Tomilho* com a terra que gruda nele. Use-o frequentemente na sauna. O calor e a secura desta erva aquecida pela terra seca diminuirão os maus humores a menos que não seja desejado por Deus.”¹²⁰

“No entanto, se você sofre apenas de dores moderadas no fígado ou nos pulmões, pode fazer o mesmo por três dias. Faça-o com frequência e curará, a menos que Deus não o queira.”¹²¹

Stoudt, em seus estudos, afirma que há uma espécie de junção entre a religião cristã e a medicina, uma tradição na Europa medieval. Os mosteiros serviram como lugares nos quais seria possível encontrar, também, obras sobre o conhecimento médico. A arte de cura incluía remédios derivados de plantas, dieta alimentar, utilização de amuletos e palavras ou frases com tons religiosos. Segundo ela, monges e monjas mantinham a tradição de estudar e praticar a arte médica, sobretudo na principal ordem monástica da época, os beneditinos.¹²²

Para Thorndike, Hildegarda segue uma tradição de escritores cristãos, a qual sustenta a visão de que o propósito do mundo natural é ilustrar o mundo espiritual e a vida futura, e que as verdades invisíveis e eternas podem manifestar-se no visível e nas coisas naturais.¹²³

¹²⁰ Bingen, *Physica*, Tomilho, 95-96.

¹²¹ Bingen, *Physica*, Hissopo, 39.

¹²² Stoudt, 250-51.

¹²³ Thorndike, “Saint Hildegard of Bingen”, 137.

2.6 Aspectos de conhecimento popular germânico

Como abordado no primeiro capítulo, a vida monástica medieval não era de reclusão absoluta e mesmo o mosteiro de Rupertsberg, fundado por Hildegarda, recebia com frequência visitantes vindos de outros mosteiros, peregrinos e pessoas que a buscavam por seus dons. Havia também uma circulação de correspondências trocada pela Abadessa. Esse fluxo de pessoas e correspondência permitia a circulação de informações e conhecimentos que formavam uma rede de relações dentro do ambiente monástico. Nesse contexto, o *Physica* foi produzido. O saber de cura encontrado nessa obra é também fruto dessa rede de relações mantida por Hildegarda.

Como mencionado anteriormente, a prática de cura adotada por Hildegarda relaciona-se intimamente ao conhecimento popular Germânico. A Abadessa, por possuir esta ligação com os costumes e hábitos de cura popular, conseguiu mesclar os componentes dessa cultura Germânica com a prática de cura empregada pelas regras beneditinas.

Para Thorndike, ficou evidente que Hildegarda reconhecia as virtudes poderosas e ocultas das coisas naturais, como plantas e pedras, adotando essas virtudes em sua prática de cura ao manipular o poder das forças mágicas em encantamentos, ritos e orações.¹²⁴ Nesse sentido, pode-se considerar que o texto de Hildegarda reflete a ideia de que era possível operar sobre os fenômenos naturais e reproduzi-los, utilizando as virtudes que estão nas plantas e em outras coisas naturais.¹²⁵

¹²⁴ Ibid., 138-141.

¹²⁵ Beltran, *Imagens de Magia*, 14.

Outra autora que analisa a prática de Hildegarda nas forças ocultas é Stoudt. Em seus estudos, ela expõe o modo como a Abadessa Renana aplica as virtudes das coisas naturais para repelir e manter afastados os demônios, ou mesmo indica os tratamentos acompanhados pelo uso de amuletos, encantamentos e orações, uma forma de curar. Segundo esta autora, o *Physica* permite-nos uma aproximação sobre a relação que Hildegarda fazia entre o mundo natural e o espiritual.¹²⁶ Vale ressaltar, nesse ponto, que Hildegarda, sendo uma mística, possui um modo de ver mundo que a rodeia como reflexo do mundo espiritual, no qual tudo o que se apresenta em sua volta liga-se ao mundo transcendental. Sendo assim, tratar dos problemas do corpo, da mente e do espírito, nesse contexto, requer forças sobrenaturais.

Eficazes ou não para os padrões contemporâneos, no período medieval, preces e encantamentos frequentemente reforçavam os tratamentos medicamentosos. Em certos momentos, a fonte popular é disfarçada por princípios cristãos, com palavras e frases atreladas a passagens da Bíblia. Encontramos também alguns encantamentos ligados a receitas medicamentosas, que aumentariam a eficácia do natural, e também plantas que possuiriam qualidades quase milagrosas ou com virtudes extraordinárias, sendo carregadas ou usadas como amuletos, desempenhando papéis quase mágicos na forma de cura do período.¹²⁷

Como evidências encontradas no *Physica*, utilizando as forças ocultas para tratar de problemas, temos os exemplos das plantas *Mirra* e *Betônica*:

¹²⁶ Stoudt, 259, 268.

¹²⁷ Stannard, "Greco-roman medical," 455-56.

“A *Mirra* [...] afasta os fantasmas, feitiços e invocações demoníacas feitas com palavras e com ervas do mal. Se você não comeu, nem bebeu produtos mágicos, será menos provável que te atinja.”¹²⁸

“Se um homem é enganado por uma mulher, ou uma mulher por um homem, por virtude das artes mágicas, ou por alguma ilusão, ou conjurado por encantamentos fantásticos e diabólicos para que o homem fique louco de amor pela mulher ou a mulher fique louca de amor pelo homem. Deve pegar *Betônica* que não tenha sido usada previamente para medicina ou magia. [...] deve pôr a folha em cada orifício nasal e embaixo da língua. Sustentar uma folha em cada mão e em cada pé. E deve fixar seus olhos na *Betônica*. Faça isso até as folhas esquentarem com o calor do corpo. Deve repetir até melhora.”¹²⁹

No *Physica*, encontram-se menções sobre plantas que possuiriam uma natureza malvada, na qual o diabo ampliaria sua maldade usando a virtude dessas plantas. Ele estenderia sua sombra sobre determinada planta, pois sabia que sua natureza maldosa lhe seria útil para ampliar seus enganos:

“Às vezes o engano do diabo entende sua sombra em cima dela e sobre ervas similares. Devido a sua malvada natureza, ele sabe todas as virtudes das plantas.”¹³⁰

“O *Ásaro* é extremamente quente e contém uma força perigosa, por isso deve ser temido. É muito sombrio e de natureza instável, semelhante a uma tempestade. Seu calor é perigo leva ao infortúnio.”¹³¹

Em contrapartida, Hildegarda comenta a respeito das virtudes benéficas de certas plantas: possuem tanta força que os espíritos malignos as odeiam e as evitam. No lugar onde esta planta estivesse presente, a magia não prosperaria. Plantas como a *Samambaia*¹³² possuiriam o poder de afastar

¹²⁸ Bingen, *Physica*, *Mirra* CLXXVI, 82.

¹²⁹ Bingen, *Physica*, *Betônica* CXXVII, 66-67.

¹³⁰ *Ibid.*

¹³¹ Bingen, *Physica*, *Ásaro*, XLVII, 30-31.

¹³² Cf. Stannard, “*Medieval Reception of Classic Plant Names*”, 153-162. Estudo sobre a recepção dos nomes das plantas na Europa medieval.

diabos, porque sua energia é como a do sol: ilumina o lugar no qual se encontram. Plantas como estas “*contêm em si a sabedoria e a natureza honesta levam as pessoas a encontrar bondade e a santidade*”¹³³. A *Samambaia* seria um exemplo de planta com essa natureza:

“A magia e os encantamentos dos demônios, assim como as palavras e outras visões diabólicas, evitam aqueles que carregam *samambaia* com ele. Se você preparar qualquer estatueta para ferir ou matar alguém, não pode prejudicar ninguém que tenha *samambaia* com ele. Às vezes alguém é amaldiçoado através de uma imagem, a ponto de deixá-la doente e perder a cabeça.”¹³⁴

Thorndike resume que, quando Hildegarda aponta que as coisas naturais podem ser usadas numa arte má e diabólica, ela faria referência à magia. No entanto, ela mesma recorre às forças ocultas para neutralizar essas artes diabólicas. Os procedimentos rituais e tratamentos de cura empregados pela Abadessa contra as magias maléficas assumiam um caráter cristão, sendo essa prática comum em seu contexto.¹³⁵ O que ressaltamos, nesse ponto, é que Hildegarda utilizaria a magia sempre com uma finalidade medicinal, o que demonstra a compreensão da Abadessa sobre as forças da natureza enquanto aliadas no processo de cura.

¹³³ Bingen, *Physica*, *Samambaia* XLVII. 29-30.

¹³⁴ Ibid.

¹³⁵ Thorndike, “Saint Hildegard of Bingen”, 140-41.

2.7 Vestígios de textos de autores antigos no *Physica*

Hildegarda, como outros autores medievais que escreveram sobre as enfermidades e a forma de tratá-las, leu autores da antiguidade clássica greco-romana que estudaram as plantas e meios de curar as enfermidades.¹³⁶ A transmissão dos textos clássicos dos antigos é uma história complexa que envolve várias culturas e sequência de eventos, com percurso longo até sua propagação por toda a Europa medieval.¹³⁷

A obra *Physica* foi composta seguindo leituras de textos dos antigos. Em seus estudos, a Abadessa Renana apreendeu o modo como os antigos médicos e filósofos realizavam a classificação das plantas e os tratamentos de cura, aplicando essas contribuições em suas atividades curativas. Esses conhecimentos foram de grande relevância, porém, ela não se limitou a eles, incorporando receitas e aplicações que seriam o resultado de sua prática.¹³⁸

A partir das propostas apresentadas anteriormente por estudiosos, para esta pesquisa, foram escolhidos dois autores representantes da tradição greco-romana: Galeno de Pérgamo (129-210) e Pedanius Dioscórides (40-90), visando apontar possíveis indícios de suas ideias no *Physica*, de Hildegarda.

2.7.1. Galeno de Pérgamo e a teoria dos humores

A teoria dos humores é encontrada de forma bem evidente no *Physica*, demonstrando o contato que Hildegarda teve com os aspectos do autor romano Galeno de Pérgamo, que seguia a tradição de autores predecessores gregos.

¹³⁶ Romero, *Hildegard von Bingen*, 41.

¹³⁷ Stannard, "Dioscorides and Renaissance", 1.

¹³⁸ Romero, 49.

Galeno estabeleceu uma nova forma de considerar as enfermidades e o modo de curar pela teoria dos humores, que perduraria durante toda a Idade Média.¹³⁹

Um dos princípios da teoria dos humores parte do conceito que as doenças são desequilíbrios internos do organismo, sendo o excesso ou a ausência de um ou mais humores. Além disso os humores sangue, fleuma, bile amarela e bile negra estariam relacionados às quatro qualidades dos elementos aristotélicos: quente, frio, seco e úmido. Na medida em que ocorreria uma alteração dos humores, a harmonia interna ficaria alterada. Nesse momento, os problemas de saúde apareceriam. Para voltar a um corpo saudável, seria necessário o equilíbrio desses quatros humores. O tratamento consistiria em remover o excesso, ou induzir o acréscimo de algum desses fluidos, tendo em vista equilibrar os humores. Para isso, utilizavam-se medicamentos com qualidades opostas ao do humor alterado.¹⁴⁰

No prólogo do *De Plantis*, notamos fortes influências da teoria dos humores como sendo parte do conhecimento de Hildegarda. A cura pelos contrários fica evidente neste trecho:

“Toda planta é quente ou fria e cresce assim, pois o calor das ervas significa o espírito e o frio o corpo. Elas florescem de acordo com sua natureza quando abundam no calor ou no frio. Se todas as ervas fossem quentes e nenhuma fria, causariam dificuldade a quem as utilizassem. Se todas fossem frias e nenhuma quente, também causariam danos ao homem, pois as coisas quentes se opõem ao frio e as frias resistem ao calor.”¹⁴¹

¹³⁹ Manzano, Introdução para *Tratados filosóficos* de Galeno de Pérgamo, 41.

¹⁴⁰ Throop, 5-6.

¹⁴¹ Bingen, *Physica*, prólogo, 10.

Para ter equilíbrio dos fluidos internos, seria necessário um tratamento amplo, entre eles o preparo de diferentes receitas medicinais, com produtos naturais de qualidades específicas, permitindo o controle interno dos fluidos ¹⁴².

Galeno considerava que os quatros humores influenciavam tanto no corpo quanto na alma. Dessa forma, atribuiu propriedades intelectuais e emocionais diferentes aos indivíduos em relação a essas influências. Diferentes temperamentos se manifestariam nos indivíduos dependendo dos humores dominantes.¹⁴³

Pela teoria humoral, a mente sofreria com as aflições, podendo alterar os humores e, dessa forma, ocasionar problemas de saúde. Desse modo, Hildegarda entendia que os humores poderiam também sofrer alterações quando despertadas as paixões, a ira, a luxúria, a tristeza, ou mesmo pela alegria, satisfação, bem-estar, porque afetariam a mente e deixariam o coração agitado pelas emoções.¹⁴⁴ A Abadessa Renana fez uso das coisas naturais para equilibrar os sentimentos e, assim, proporcionar a harmonia interna dos humores, como podemos notar no *Physica*. A *Pimenta de Java* é um exemplo de virtude natural, utilizada para esse equilíbrio:

“A *Pimenta de Java* é quente, mas possui um calor moderado. Também é seca. Se comer *Pimenta Java* tempera o ardor vergonhoso que há nele. Também traz alegria à sua mente, purificando seu pensamento e dando disposição. Como seu calor é benéfico e moderado extingue as paixões indignas de luxúria, nas quais os humores desagradáveis e insalubres estão ocultos. Clareia e ilumina a mente e seu temperamento.”¹⁴⁵

¹⁴² Machline, “*Imagens Combinando*”, 154-55.

¹⁴³ Ibid., 157-58.

¹⁴⁴ Thorndike, “Saint Hildegard of Bingen”, 154.

¹⁴⁵ Bingen, *Physica*, *Pimenta de Java*, 22.

Evidências da teoria dos humores são encontradas em todas as entradas no “Livro das Plantas”, no *Physica*. O início de cada item ressalta as qualidades fria ou quente, úmida ou seca de cada planta. Na maioria das vezes, é a primeira informação encontrada sobre a planta. Aparentemente, essa informação, colocada como inicial, demonstra que esta característica seria significativa e deveria ser a primeira informação que uma pessoa, ao ler a obra, precisaria notar. Assim, por exemplo, evidenciamos a presença da teoria dos humores no primeiro livro do *Physica* com as plantas *Salgueiro Anão* e *Espelta* ou *Trigo vermelho* (*Triticum spelta*):

“O *Salgueiro Anão* é frio e úmido, e contrário à natureza do homem, portanto, comer é perigoso. Se alguém tiver um mau humor fluindo em sua cabeça como uma torrente de água, coloque *Salgueiro Anão* frio em volta de sua cabeça, e melhorará.”¹⁴⁶

“A *Espelta* é o melhor grão, de natureza quente, rico e cheio de força, mais doce do que os outros grãos. Quem o come restaura a carne e produz sangue adequados. Deixa a mente feliz e coloca alegria em seu temperamento.”¹⁴⁷

Como podemos notar, os conceitos da teoria humoral integram a prática médica da Abadessa de Bingen. De forma bem evidente, foi possível observar no *Physica* a sua presença marcante.

2.7.2. Dioscórides e seus aspectos no *Physica*

Aspectos de outro antigo texto, encontrados no *Physica*, são de Dioscórides, que escreveu sobre as qualidades medicinais das plantas e de

¹⁴⁶ Bingen, *Physica*, *Salgueiro Anão*, CXX, 63.

¹⁴⁷ Bingen, *Physica*, *Espelta*, *Triticum spelta* 13.

outros materiais, além da forma como essas afetariam ou beneficiariam a saúde. Seus conhecimentos contribuiriam de forma considerável para a medicina ocidental durante toda a Idade Média. Estudos apontam que os textos de Dioscórides foram traduzidos para o latim durante o período medieval, principalmente entre o final do século XI e início do século XII e, dessa forma, foram amplamente usados. O interesse principal nesses textos seria por suas contribuições sobre remédios preparados com plantas.¹⁴⁸

A *Matéria Médica*, obra escrita por Dioscórides, possui cinco livros e trata-se de uma obra sobre os remédios simples. Ele descreveu o conhecimento de medicamentos provenientes dos três reinos da natureza. Há também indicações sobre as regiões às quais as plantas pertencem, suas descrições e, dependendo da edição, as ilustrações. Na Europa medieval, a *Matéria Médica* tornou-se um modelo de tratamentos e cura com plantas.¹⁴⁹

Stannard, em estudos sobre a transmissão dos textos de Dioscórides, relata que catálogos de manuscritos europeus evidenciam inúmeras cópias e resumos da *De Matéria Médica* por muitos séculos.¹⁵⁰ Esse mesmo autor, tentando descrever o percurso desse texto durante no período medieval, observou que diversos autores medievais de alguma forma conheceram ou referiram-se às obras de Dioscórides. Muitos deles teriam contato com os textos dioscoridianos apenas de forma fragmentada. Seu nome não aparece de modo evidente nos textos médicos medievais, porém, aspectos de seus trabalhos aparecem por meio de textos anônimos ou pseudônimos, comuns naquele período. Stannard ressalta que Hildegarda de Bingen seria uma autora que

¹⁴⁸ Riddle, "The Latin Alphabetical", IV, 1, 6.

¹⁴⁹ Reeds, "Dioscorides Unriddled", 85-86.

¹⁵⁰ Stannard, "*P. A. Mattioli: Sixteenth*", 66.

indiscutivelmente apresentava aspectos do conhecimento de Dioscórides em sua obra médica.¹⁵¹

Tentaremos encontrar indícios dos conhecimentos sobre a cura expressos no *Matéria Médica* e que contribuíram para a escrita do *Physica*, numa tentativa de encontrar aspectos da obra de Dioscórides que possivelmente influenciaram Hildegarda.

De início, a principal semelhança encontrada é que muitas das plantas citadas na *Matéria Médica* também estão no *Physica*, como Aloe, Sálvia, Menta, Arruda, Orégano, Hissopo, Tomilho, Funcho, Endro, entre muitas outras. Há semelhança ainda no fato de ambas as obras incluírem em seus itens produtos usados nas receitas, como: o ovo, o mel, a manteiga, o leite, o açúcar, o vinagre e o sal.

Na introdução do livro I, Dioscórides relata a necessidade de conhecer as plantas em relação ao local onde crescem e observá-las nas diferentes estações do ano, porque essas variações influenciariam no crescimento do vegetal e afetariam de forma significativa as virtudes das plantas.¹⁵²

Segundo Dioscórides, os medicamentos preparados com plantas que cresceram em lugares altos e ventosos possuem mais virtudes curativas que medicamentos preparados com plantas que cresceram em lugares pantanosos, sombrios e protegido do vento.¹⁵³

No *Physica*, encontramos também essa variação nas virtudes dos vegetais conforme o local e a terra onde as plantas crescem. Como observamos nos seguintes trechos: “*A salsa é de natureza forte e têm mais calor que frio.*

¹⁵¹ Stannard, “*Dioscorides and Renaissance*”, 1, 5.

¹⁵² Dioscórides, *Plantas e Remédios*, 5-8. Laguna.

¹⁵³ Ibid.

*Cresce do vento e da humidade*¹⁵⁴.” ou “*A Sálvia possui uma natureza quente e seca e cresce mais com o calor do sol do que com a umidade da terra.*¹⁵⁵.”

Considerando que Hildegarda viveu em uma região na qual o inverno era muito rigoroso, nas estações mais quentes tinha-se o cuidado de conservar as propriedades curativas das plantas para o inverno. No *Physica*, Hildegarda descreve a respeito das influências das estações do ano sobre as plantas. No livro II, que recebeu o nome de *Elementos*, no item “XI Terra”, encontramos informações sobre como a terra conserva as diferentes plantas com o calor ou com o frio, fazendo prosperar esses vegetais com a variação de temperatura nas diferentes estações. No livro I, das Plantas, Hildegarda demonstra que determinadas ervas não podem ser encontradas verdes no inverno, e comenta como proceder para conservar as virtudes e usá-las na estação fria.

Sobre a conservação das propriedades dos vegetais, observamos que tanto no *Physica* quanto na *Matéria Médica*, a conservação das virtudes das plantas na forma de pó é muito encontrada, evidenciando que esta prática permaneceu ao longo do tempo e foi adotada por Hildegarda.

As citações seguintes referem-se às plantas *Endro* e *Galanga*, exemplos cujas propriedades são conservadas para o inverno, pois não resistem a essa estação:

“[...] Coloque tudo isso em vinagre e faça um tempero com elas, pode comê-las com frequência com toda a sua comida. No inverno, pulverize e coma esse pó com comida, porque nesse momento não pode obter ervas verdes.”¹⁵⁶

¹⁵⁴ Bingen, *Physica*, Salsa, 42.

¹⁵⁵ Bingen, *Physica*, Salvia, 36.

¹⁵⁶ Bingen, *Physica*, Endro LXVII, 41

“Galanga [...] prepare tortinhas e seque-as com o calor do sol. Isso deve ser feito no verão, quando o sol é forte e assim poderá tê-las para o inverno”¹⁵⁷

Com relação a plantas comuns às duas obras, escolhemos três para evidenciar essa presença: Aloe, Arruda e Sálvia, num propósito de analisar as virtudes curativas dessas plantas e, assim, observar se seriam indicadas para tratar os mesmos problemas de saúde.

A Aloe está presente na *Matéria Médica* de Dioscórides, no livro III, item 22. A primeira informação descrita por Dioscórides incide nas características físicas dessa planta e o local onde pode ser encontrada. Quanto às virtudes medicinais, descreve-a como possuidora de virtudes dessecantes, laxante do ventre, purgativa do estômago e que elimina a icterícia. Seca em forma de pó é cicatrizante, curando as feridas; também aplicada na forma de pó, cura os órgãos genitais ulcerados; misturada com vinho doce, auxilia no tratamento de condilomas e suprime as hemorragias. Aplicada com mel, remove olheiras e hematomas nos olhos.¹⁵⁸

A planta *Aloe*, descrita no *Livro das Plantas* do *Physica*, recebeu o nome, segundo Hildegarda, de *Aloe*, possuindo duas entradas, itens o CLXXIV e CCXXIV. Seu nome científico é *Aloe vera*; na edição de Migne, possui o nome *De Aloe*.

Na primeira descrição, no item o CLXXIV, Hildegarda cita primeiro a qualidade segundo a teoria dos humores: “O suco desta planta é quente e tem grande virtudes.” Em seguida, descreve as propriedades curativas: curar febres estomacais e, por seu odor, fortalecer internamente a pessoa, purgando o

¹⁵⁷ Bingen, *Physica*, Galanga, XIII, 16.

¹⁵⁸ Dioscórides, 384-85.

esgotamento da cabeça; seu odor ainda cura tosse; no preparo de unguento, a ser usado em feridas com vermes e na cura da icterícia. Numa receita de *Aloe*, *Incenso* e *Alcaçuz* cozidos em vinho e combinados com hidromel, cura *ridden*¹⁵⁹. Na segunda entrada, no item CCXXIV, novamente a primeira informação versa sobre a qualidade quente da *Aloe*. Nesse item, descreveu apenas uma receita para tratar problemas na pele. Hildegarda explicou como combinar a *Aloe* com o visco tirado da árvore da pêra e nódulos da árvore da noz, colocados em vinho para tratar úlceras ou sarna na pele ao tomar a solução.

Ao compararmos a descrição da *Aloe* nas duas obras mencionadas, podemos verificar que essa planta foi aplicada para tratar três problemas de saúde idênticos: doenças do estômago, feridas na pele e icterícia. Enquanto Dioscórides afirma que a *Aloe* é purgativa do estômago, Hildegarda sublinha que a *Aloe* cura febres estomacais. Sobre o fato de a *Aloe* ser usada para tratar feridas da pele, Dioscórides refere-se à planta seca em forma de pó como cicatrizante das feridas, enquanto Hildegarda revela que o unguento preparado com a *Aloe* serve para tratar feridas, úlceras e sarna na pele. Por último, nas duas obras a *Aloe* é usada para curar a icterícia. Fica evidente que, nesses três casos, as virtudes curativas da planta *Aloe* foram empregadas para tratar dos mesmos problemas de saúde.

A *Arruda* é uma planta citada na *Matéria Médica*, no livro III, item 45. Essa planta não recebe descrições das características físicas e nem onde poderia ser encontrada. Comparou-se, porém, espécies diferentes de *Arruda*: a *Arruda silvestre* e a *Arruda montana*. Essas duas espécies foram descritas com diversas

¹⁵⁹ Ridden ou Riddo é uma palavra que não possui tradução, explicada no livro 9 do *Physica* como um tipo de doença caracterizada por um desconforto que torna o homem lento, sem forças e sem apetite.

virtudes curativas, sendo elas: caloríficas, ulcerativas, diuréticas e facilitadoras da menstruação. Comer ou beber a *Arruda* restaura a barriga, além de ser um antídoto para drogas mortíferas. Comer suas folhas cozidas com nozes e figos secos seria bom para combater os efeitos de venenos e picadas de serpentes.¹⁶⁰

A *Arruda*, cozida com *Endro* e bebida, cura cólicas abdominais. É eficaz contra tosse, dores laterais e no peito, dores de cabeça e nas articulações e nos tremores febris periódicos. Cozida em azeite, a *Arruda* é útil contra a flatulência do cólon, da matriz e do reto. Quando preparada com óleo e ingerida, elimina os vermes; se aplicada com mel, serve como cataplasma contra dores nas articulações. Comida crua ou na salada, aprimora a visão; aplicada na forma de emplastro, atenua as dores nos olhos. Com óleo de rosa e vinagre, é útil contra dores de cabeça. Macerada e aplicada, restaura as hemorragias do nariz. Juntamente com pimenta, em cataplasma, elimina verrugas.¹⁶¹

A planta *Arruda* foi descrita *Livro das Plantas do Physica* e recebeu o nome, segundo Hildegarda, de *Rutha*, localizado no item LXIV. Seu nome científico seria *Ruta graveolens*. Na edição de Migne, recebeu o nome de *De Rutha*.

Hildegarda cita, em primeiro lugar, sua qualidade segundo a teoria os humores, nos dizendo que essa planta contém um calor temperado, mais quente que fria, com grande umidade; combate a amargura seca que se desenvolve em pessoas com humores incorretos, auxiliando para uma boa digestão. *Arruda*, *Sálvia* e *Cerefólio*, combinadas em uma receita com mel e clara de ovo, tratam problemas nos olhos; o unguento feito com *Arruda* para tratar dores nos rins; *Arruda* e *Absinto*, combinados com açúcar, mel e vinho, tratam problemas nas

¹⁶⁰ Dioscórides, 402-03.

¹⁶¹ Ibid., 403-04.

partes íntimas do homem; por fim, comer *Arruda* com *Sálvia* e sal auxilia na boa digestão.

Ao compararmos a descrição da *Arruda* nas duas obras mencionadas, podemos verificar essa planta sendo aplicada para tratar dois problemas de saúde semelhantes nas duas obras: dificuldade no trato digestivo e dores localizadas.

Fica evidente que nesses casos as virtudes curativas da planta *Arruda* foram usadas para tratar problemas de saúde semelhantes em ambas as obras.

A *Sálvia* está presente na *Matéria Médica*, no livro III, item 33. Dioscórides inicia descrevendo as características dessa planta, tecendo comparações com outra espécie: a *Sálvia silvestre*. Indica o lugar onde essas plantas costumam crescer. Quanto às virtudes medicinais, os ramos e folhas seriam diuréticos, podendo provocar a menstruação e o parto. Atua como cicatrizante e purifica feridas, além de restaurar o sangue. A decocção de suas folhas e galhos com o vinho, usadas em banho, cessa o prurido dos órgãos genitais.¹⁶²

A planta *Sálvia* foi descrita no *Livro das Plantas* do *Physica*. Hildegarda cita duas espécies: a *Salvia officinalis* e a *Salvia sclarea*, que receberam os nomes segundo Hildegarda como *Sálvia* e *Scarleya*. Encontram-nas nos itens LXIII e CLXI. Na edição de Migne, receberam os nomes *De Selba* e de *De Scharleya*.

A *Salvia officinalis* é descrita por Hildegarda, em primeiro lugar, quanto a suas qualidades segundo a teoria os humores. Suas propriedades curativas atuam na diminuição dos humores nocivos, como o excesso da fleuma que provoca catarro e mal hálito. Trata a falta de apetite ao ser ingerida com *Cerefólio*

¹⁶² Ibid., 393-94.

e *Alho* num preparado com vinagre. Trata as dores intestinais e a dor de cabeça produzidas pela ingestão de alguns alimentos. É também usada no tratamento da incontinência urinária e controla os maus humores que fazem tossir e expelir sangue. Sobre a *Salvia sclarea*, Hildegarda inicia classificando como uma planta quente. Sobre suas virtudes curativas, seria eficaz contra veneno, tratando problemas de estômago e dores de cabeça.

Ao compararmos a descrição da *Sálvia* nas duas obras mencionadas, podemos verificar as propriedades curativas dessa planta sendo aplicadas na cura do trato urinário. Dioscórides descreve a *Sálvia* com propriedades diuréticas. No entanto, Hildegarda usa a *Sálvia* para tratar a incontinência urinária. Apesar de não atuar de forma igual, nos dois autores verifica-se uma semelhança em sua aplicação.

Ao relacionar as duas obras, a *Matéria Medica* e o *Physica*, no que se refere às três plantas escolhidas para análise, podemos perceber que sobre as propriedades curativas das plantas, Dioscórides descreve cada uma das três plantas possuidoras de muitas propriedades curativas; enquanto Hildegarda descreve propriedades bem reduzidas, sua aplicação é bem limitada, se comparada com Dioscórides, possivelmente demonstrando que a Abadessa escreve na sua obra apenas as aplicações que fez na prática. E, mesmo que tivesse as informações curativas das plantas dadas por Dioscórides, não se limitou apenas em copiá-las. *Matéria Médica*, ou fragmentos dessa obra, pode ter-lhe servido como referência de materiais curativos. Entretanto, não se pode afirmar que a Abadessa tenha se fundamentado amplamente nesse antigo texto.

Ao considerarmos que no período de Hildegarda existiam diversas obras sobre medicina com o conhecimento dos clássicos antigos, por mais que esse

saber fosse valioso, ao longo dos tempos foram recebendo cópias com alterações e contribuições, muitas vezes encontrando-se apenas os fragmentos desse saber. Podemos entender que Hildegarda sentiu a necessidade de escrever uma obra que pudesse atendê-la e estivesse de acordo com a sua realidade. Nesse sentido, não fez simplesmente cópia do saber ao seu alcance, mas uma obra fruto de sua prática.

Como discutido neste capítulo, o *Physica* foi escrito com o propósito de ser uma literatura para ensinar suas monjas, mas de acordo com o saber de cura já utilizado dentro do mosteiro. O *Physica*, fruto do saber de Hildegarda, mesclava os três conhecimentos que a influenciaram, mas indica, sobretudo, o saber de cura praticado seguindo a tradição beneditina, que foi, acima de tudo, o que mais influenciava a vida de Hildegarda.

Não podemos deixar de ressaltar que *Physica* é resultado de sua interpretação do saber antigo, mas com um olhar místico, sendo que Hildegarda possuiu uma forma complexa e própria de ver o mundo que a rodeava. O mundo material e o espiritual aparecem entrelaçados, fazendo uma espécie de fusão entre os seus conhecimentos.

Para finalizar, a contribuição dos monges beneditinos no desenvolvimento da cultura e na preservação dos escritos da antiguidade no Ocidente medieval foi significativa. Como tratado anteriormente, o monasticismo cristão desempenhou um papel relevante nos vários campos da atividade humana, como na vida política, econômica, artística e intelectual em território europeu durante toda a Idade Média. Destacamos, por isso, nesta pesquisa em particular, o tratamento medicinal em ambiente monástico. Ao estudar, em especial, Hildegarda de Bingen e seu *Physica*, foi possível nos aproximar dos tratamentos

de cura realizados com plantas em território germânico do século XII, e perceber que sua prática faz uma espécie de fusão entre as três tradições que a influenciaram, a ponto dela perpetuar esses saberes, os quais aparecem nos seus escritos médicos.

Considerações finais

Nossa pesquisa sugere que Hildegarda foi, ao mesmo tempo, uma mística e uma visionária, pois ao considerarmos as definições de especialistas para esta questão, nela encontramos as duas experiências de acordo com a perspectiva da religião cristã, tendo na Abadessa de Bingen uma visionária com experiências místicas. Seu modo de curar pelas plantas foi construído reconhecendo que esta prática estaria intimamente ligada ao seu olhar místico. Ela não separava estas práticas, pois seu pensamento e ações articulam-se de forma a manter essas duas áreas entrelaçadas, fruto do período em que se encontrava.

No *Physica*, texto selecionado para análise nesta dissertação, pôde-se constatar vestígios das três tradições – o cristianismo latino, o conhecimento popular germânico e a medicina greco-romana – em vários trechos da obra. Desta forma, conclui-se que essas tradições, sugeridas por Jerry Stannard, foram relevantes na escrita do *De Plantis*.

Primeiramente, o cristianismo latino figura de maneira evidente na prática de cura da Abadessa no que se refere às orações e preces encontradas na obra, e pelo cuidado com os doentes, prática comum nos mosteiros medievais e descritos nas regras da ordem beneditina à qual Hildegarda era abadessa. Sobre a cultura popular germânica, destacamos receitas e tratamentos realizados com plantas, que se referem aos poderes sobrenaturais e mágicos dos vegetais. Principalmente, plantas sendo usadas como amuletos e encantamentos, pois ela entendia que as coisas naturais possuíam virtudes que poderiam ser utilizadas para combater encantamentos maléficos. Esta forma de tratar de Hildegarda é também fruto do contexto no qual ela está inserida. Por último, sobre a medicina

greco-romana, de forma muito evidente, ressaltamos a teoria dos humores de Galeno de Pérgamo, sendo uma influência encontrada em todas as entradas do *De Plantis*. Isso demonstra que essa teoria seria muito relevante no tratamento de cura do período. Outro autor relevante na obra de Hildegarda foi Dioscórides, pois muitas plantas da sua *Matéria Médica* são mencionadas no *Physica*, inclusive aspectos desse autor podem ser encontrados em trechos da obra. Posto isto, de alguma forma Hildegarda utilizou o conhecimento de Dioscórides para escrever o *Physica*.

Desta forma, a fusão entre as três tradições sugeridas por Stannard pode ser encontrada nos tratamentos curativos realizados com plantas na obra da Abadessa de Bingen

Assim, afirmamos que, apesar de Hildegarda possuir os aspectos sugeridos, a sua maior influência reside na tradição beneditina. Pois esta ordem monástica possui regras que regem a vida diária de um monge, e isso deve ser levado em conta no que tange o saber de cura de Hildegarda. Sendo uma abadessa, assumiu o compromisso de fazer cumprir as regras da Ordem. Portanto, concluímos que, para Hildegarda, acima de tudo habita a ordem beneditina, e isso reflete em sua prática de cura.

Bibliografia

Alfonso-Goldfarb, Ana Maria. "Como se Daria a Construção da Área Interface do Saber?". *Kairós* 6, nº 1 (2013): 55-56.

_____. "Documentos, Métodos e Identidades em História da Ciência." *Circumscribere: International Journal for the History of Science* 4 (2008): 5-9.

_____. *O que é História da Ciência?*. São Paulo, Brasiliense, 1994.

_____ & Maria Helena Roxo Beltran, orgs. *Escrevendo a História da Ciência: Tendências, Propostas e Discussões Historiográficas*. São Paulo: Educ; Fapesp; Livraria da Física, 2004.

_____, Marcia H. M. Ferraz, & Maria H. R. Beltran. "A Historiografia Contemporânea e as Ciências da Matéria: uma Longa Rota Cheia de Percalços." In *Escrevendo a História da Ciência: Tendências, Propostas e Discussões Historiográficas*, org. Ana M. Alfonso-Goldfarb, & Maria H. R. Beltran, 49-73. São Paulo: Educ; Fapesp; Livraria da Física, 2004.

Beltran, Maria H. R., *Imagens de Magia e de Ciência. Entre o Simbolismo e os Diagramas da Razão*. São Paulo: EDUC, 2000.

_____, Fumikazu Saito & Lais S. P. Trindade, orgs. *História da Ciência para a Formação de Professores*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014.

_____. "Os Saberes Femininos em Imagens e Práticas Destilatórias." *Circumscribere* 1 (2006): 1-13. Acessado em 26 de novembro de 2018. <https://revistas.pucsp.br/index.php/circumhc/article/view/558>

_____. “Receitas, Experimentos e Segredos.” In *O Saber Fazer e Seus Muitos Saberes: Experimentos, Experiências e Experimentações*, org. Ana M. Alfonso-Golfarb & Maria H. R. Beltran, 65-91. São Paulo: Educ/Fapesp/Livraria da Física, 2006.

Bernardino, Angelo di & Giorgio Fedalto Manlio Simonetti, org. *Dicionário de Literatura Patrística*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2010.

Bento, Núrsia. *A Regra de São Bento*. trad. e ed. Basilius Steidle & João E. Enout. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 2017.

Bingen, Hildegarda. *Physica*. Trad. Priscilla Throop. Rochester: Healing Arts Press, 1998.

_____. *Libro de las Causas y Remedios de las Enfermedades*. Trad. José M. Puyol & Pablo K. Rettschlag. Espanha: Akron EEC, 2013.

_____. *Physica. Libro de Medicina Sencilla: subtilitatum diversarum naturarum creaturarum I. Liber simplicis medicinae*. trad. Rafael Renedo Hijarrubia. Espanha: Akrón - Eec, 2018.

_____. *Scivias (Scito Vias Domini). Conhece os Caminhos do Senhor*. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulus, 2015.

Bullough, Vern L. *Universities, Medicine and Science in the Medieval West*. New York: Routledge Ashgate Variorum, 2004.

Cirlot, Victoria, & Blanca Garí. *La Mirada Interior. Escritoras Místicas e Visinárias em la Edad Média*. Madrid: Editora Siruela, 2008.

Costa, Marcos R. N. “Mulheres Intelectuais na Idade Média: Hildegarda de Bingen: Entre a Medicina, a Filosofia e a Mística”. *Trans/Form/Ação* 35 nº especial (2012): 187-208.

Debus, A. G. *O Homem e a Natureza no Renascimento*. Lisboa: Porto editora, 2004.

Dioscórides, Pedanius. *Plantas e Remedios Medicinales*. Trad. Manuela Garcia Valdés. Madrid: Editorial Gredos, 1998.

Dioscórides, Pedanius. *Pedacio Dioscorides Anazarbeo Acerca de la Materia Medicinal y de los Venenos Mortíferos*. Trad. Laguna Andres, Salamanca: Mathias Gast 1563.

Acessado 28 de novembro de 2019.
https://archive.org/details/BIUSante_00821/page/n19

Eco, Umberto. *Idade Média: Bárbaros, Cristão e Mulçumanos*. Portugal: Ed. Dom Quixote, 2011.

_____. *O Nome da Rosa*. Trad. A. Bernardini, & H. Andrade. Rio de Janeiro: Ed. Bestbolso, 2016.

Ferzoco, George. "The Canonization and Doctorization of Hildegard of Bingen." In *A Companion to Hildegard of Bingen*, org. Christopher M. Bellitto, 305-315. Boston: Brill, 2014.

Fonseca, Pedro C. L., "A nobreza cristológica no bestiário medieval: o exemplo do Leão e do Unicórnio". *Mirabilia Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval* 9, Dez 2009,108-132.

Foxhall, Katherine "Making Modern Migraine Medieval: Men of Science, Hildegard of Bingen and the Life of a Retrospective Diagnosis." *Med. Hist.* 58 (2014): 354-374.

Fraboschi, Azucena A. *Santa Hildegarda de Bingen: Doutora de la Iglesia*. Argentina: Ed. Mino y Davila, 2012.

_____ & Cecília I. Palumbo & Maria E. Ortiz, eds. *Cartas de Hildegarda de*

Bingen. Epistolário Completo. Argentina: Ed. Mino y Davila 2015.

Galeno de Pérgamo. *Tratados Filosóficos y Autobiográficos*. Trad. & Introduce, Teresa Martines Manzano. Madrid: Editora Gredos, 2002.

Guillén, Diego, Agustin Albarracín, Elvira A. S. Erill, Luis Montiel, José L. Pesset & Pedro L. Entralgo. *História del Medicamento*. Barcelona: Doyma, 1987.

Lauand, Luiz J., *Cultura e educação na Idade Média*. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2013.

Le Goff, Jacques. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Ed. Edusc, 2002.

_____. *O Maravilhoso e o Cotidiano no Ocidente Medieval*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1983.

Machline, Vera C. “Imagens Combinando Duas Visões de Pérgamo Acerca dos Temperamentos.” In *História da Ciência: Tópicos Atuais*, orgs. Maria H. R. Beltran, Fumikazu Saito & Laís S. P. Trindade, 139-177. São Paulo: Livraria da Física/ Capes/ Obeduc, 2016.

McGinn, Bernard, *O Desenvolvimento da Mística: de Gregório Magno até 1200*. São Paulo: Editora Paulus, 2017.

Migne, J. P. “Hildegardis Bingensis. Subtilitates Diversarum Naturarum Creaturum”. Acessado em 17 de novembro de 2019. 1855.197.http://www.mlat.uzh.ch/MLS/xanfang.php?tabelle=Hildegardis_Bingensis_cps2&corpus=2&allow_download=0&lang=0

Newman, Bárbara. Introdução para *Scivias (Scito Vias Domini)*. Conhece os Caminhos do Senhor, de Bingen Hildegarda. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulus, 2015.

Pagel, Walter. "Hildegard of Bingen." In *Dictionary of Scientific Biography*. New York: ed. Gillispie, 1981.

Patterson, Laura, "The Late 20th-Century Commercial Revival of Hildegard of Bingen." Washington University in St. Louis, 2010.
Acesso 20 Agosto 2018
<https://openscholarship.wustl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1476&context=ed>

Pernoud, Regine. *Hildegard de Bingen: a Consciência Inspirada do Século XII*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

Reeds. Karen, "Unriddled Dioscorides: A Trial Review of Dioscorides in Pharmacy and Medicine by John M. Riddle" *Isis*: Vol 78, n° 1 | Março 1987, 85-88. Acessado 20 Novembro 2019. [sci-hub.tw/10.1086/354334](https://doi.org/10.1086/354334)

Riddle, Jonh M., "The Latin Alphabetical Dioscorides Manuscript Group." In *Quid pro quo: Studies in the History of Drugs*, 1-6. Michigan: Variorum, 1992.

Romani, Jorge & Romani, M. "Causas y Curas de las Dermatosis en la Obra de Hildegarda de Bingen." *Actas Dermosifiliografia* 6 (2016).

Romero Margarita G. "Hildegarda de Bingen y la Medicina a Partir de los Textos de Dioscórides." Dissertação de Mestrado em Historia, Universidad Nacional Autónoma de México, 2010.

_____. *Hildegard von Bingen: de Fungis y la Reescritura de los Textos de la Antigüedad*. México: Palibrio, 2015.

Sarton, George, *Introduction to the History of Science* II. Baltimore: Maryland: The Williams and Wilkins Co., 1931.

Singer, Charles. "The Scientific View and Visions of Saint Hildegard (1098 - 1180)". *Studies in the History and Method of Science*, 1-55. Oxford: Oxford university, 1917.

Spina Segismundo. Introdução à edótica: crítica textual. 2ª Ed. São Paulo: Ars Poética; Edusp, 1994.

Stannard, Jerry. "Greco-Roman Medical Media in Germany Medieval." *Bull Hist Med*. set-out 46 (5): 455-68,1972.

_____. "Greco-Roman Medical Media in Germany Medieval." In *Pristina Medicamenta*, ed. Katherine E. Stannard & Richard Kay. XII, 455-468, Brookfield: Ashgate Variorum, 1999.

_____. "Benedictus Crispus, an Eighth Century Medical Poet." In *Pristina Medicamenta*, ed. Katherine E. Stannard & Richard Kay. X, 24-46 Brookfield: Ashgate Variorum, 1999.

_____. "Dioscorides and Renaissance Matéria Médica". In *Herbs and Herbalism in the Middle Ages and Renaissance*, ed. Katherine Stannard e Richard Kay, IX, 1-21. Brookfield: Ashgate variorum, 1999.

_____. "Medieval Reception of Classic Plant Names" In *Herbs and Herbalism in the Middle Ages and Renaissance*, ed. Katherine Stannard e Richard Kay, I, 153-162. Brookfield: Ashgate variorum.1999.

_____. P. A. "Mattioli: Sixteenth Century Commentator on Dioscorides" In *Herbs and Herbalism in the Middle Ages and Renaissance*, ed. Katherine Stannard e Richard Kay, XIV, 59-81. Brookfield: Ashgate variorum, 1999.

Stoudt, Debra L. "The Medical, the Magical, and the Miraculous in the Healing Arts of Hildegard of Bingen". In *A Companion to Hildegard of Bingen*, org. Christopher M. Bellitto. Boston: Brill, 2014.

Throop, Priscilla, Introdução para *Hildegard von Bingen's Physica*, de Hildegarda Bingen, 1-3. Rochester: Healing Arts Press, 1998.

Thorndike, L. "Saint Hildegard of Bingen: 1098-1179." In *History of Magic and Experimental Science*. Part 3, 124-154. New York: Columbia University Press, 1923.

_____. *History of Magic and Experimental Science*, Part 1. New York: Columbia University Press. 1923.

Documentos

Carta Apostólica – "Santa Hildegarda de Bingen, Monja Professa da Ordem de São Bento, é Proclamada Doutora da Igreja Universal". Bento XVI.

Código de Direito Canônico, Promulgado por João Paulo II. Trad. CNBB. Notas, comentários e índice analítico por Jesús Hortal, SJ. Ed. Loyola.

Mansi, Giovanni D., *Sacrorum Conciliorum Nova and Amplissima Text Collection*. XXI, Venetia: Antonius Zatta. 1774. 737-738.

Acessado 15 Agosto 2019.
https://books.google.com.br/books?id=rxIPAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

Carnandet, Ioanne (org.), *Acta Sanctorum Bollandistae*. Tomo V, Vol. 45, 1866. Paris e Roma. 629-701.

Acessado 18 de agosto de 2019:
<https://archive.org/details/actasanctorum45unse/page/n667>

Sanctae Hildegardis, Explanatio. Simboli Sancti Athanasii. MPL 197: 1065b-80a.
Acessado 05 setembro 2019.

https://books.google.com.br/books?id=uPQQAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false